

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

VIOLÊNCIA CONJUGAL: O IMPACTO DAS EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA DE
ORIGEM E DAS CARACTERÍSTICAS PATOLÓGICAS DA PERSONALIDADE

Marcela Bianca de Andrade Madalena

Bolsista Pronex – Fapergs/Cnpq

Orientadora: Profa. Dra. Denise Falcke

São Leopoldo

2015

Marcela Bianca de Andrade Madalena

VIOLÊNCIA CONJUGAL: O IMPACTO DAS EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA DE
ORIGEM E DAS CARACTERÍSTICAS PATOLÓGICAS DA PERSONALIDADE

Dissertação apresentada como exigência para
obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Falcke

São Leopoldo

2015

M178v Madalena, Marcela Bianca de Andrade.
Violência conjugal: o impacto das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade / por Marcela Bianca de Andrade Madalena. – 2015.
94 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2015.

“Orientação: Profa. Dra. Denise Falcke”.

1. Violência conjugal. 2. Família. 3. Transtornos da personalidade. 4. Maus-tratos infantis. I. Título.

CDU: 159.9:316.356.2

Agradecimentos

Conviver com pessoas tão boas foi, sem dúvida, um privilégio que a vida me concedeu. Sou grata por ter tido a oportunidade de conhecer pessoas especiais, com quem pude aprender e contar em muitos momentos e que contribuíram, direta ou indiretamente, com este trabalho. Estas pessoas merecem meu agradecimento e o receberão pessoalmente, com carinho. No entanto, agradecerei em palavras escritas apenas a algumas das pessoas que foram fundamentais para a realização desta dissertação.

Aos meus pais, minha sincera gratidão. À minha mãe por ter despertado em mim a capacidade de sonhar. Ao meu pai por ter contribuído para a realização dos meus sonhos.

À minha orientadora, Denise, por ter me guiado nesta estrada em direção à profissão que quero ser; por ter me permitido o tempo que eu precisava; e pela amizade construída nestes anos. Deixo registrada minha eterna admiração, com carinho.

Aos professores da banca, Christian Kristensen, Fernanda Serralta e Lucas Carvalho, meu agradecimento pelas relevantes contribuições ao projeto e pela oportunidade de rever algumas ideias. Ao professor Lucas, agradeço também pela gentileza e auxílio desde o primeiro contato.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”.

Isaac Newton

Sumário

Resumo.....

Abstract.....

Apresentação.....

Artigo I – Violência Conjugal e Transtornos da Personalidade: uma revisão sistemática da literatura

Resumo.....

Abstract.....

Introdução.....

Método.....

Resultados.....

Discussão.....

Considerações Finais.....

Artigo II – Violência Conjugal: O poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade

Resumo.....

Abstract.....

Introdução.....

Método.....

Participantes.....

Instrumentos.....

Procedimentos éticos e de coleta dos dados.....

Procedimentos de análise dos dados.....

Resultados.....

Discussão.....

Considerações Finais.....

Referências.....

Considerações Finais da dissertação.....

Referências da dissertação.....

Violência Conjugal: O impacto das Experiências na Família de Origem e das Características Patológicas da Personalidade

RESUMO

A violência conjugal é um fenômeno heterogêneo, que é apresentado na literatura como ocorrendo de forma uni e bidirecional entre os cônjuges. Diversas variáveis estão associadas à sua ocorrência, dentre elas características pessoais dos envolvidos. O objetivo desta dissertação foi investigar o papel das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade na ocorrência da violência conjugal. Para tanto foram realizados dois estudos: 1) Uma revisão sistemática da literatura que buscou investigar os transtornos da personalidade associados à violência conjugal. Nesta revisão foram consultadas cinco bases de dados, restringindo aos anos de 2009 a 2014. Os resultados apontaram os transtornos da personalidade Borderline e Antissocial como os mais frequentes, embora quando investigados outros transtornos também se identificou associação. Também se observou que a maioria dos estudos investigou amostra de homens perpetradores, mas quando investigaram amostra de casais identificou-se aspectos diádicos impactando a violência conjugal. 2) O segundo artigo foi um estudo empírico, quantitativo de caráter explicativo, que buscou investigar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade para a violência conjugal. A amostra deste estudo constituiu-se de 170 casais heterossexuais da região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: *Inventário Dimensional Clínico da Personalidade* (IDCP), *Family Background Questionnaire* (FBQ) e a *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). Foi realizada análise de regressão linear múltipla, através do método *stepwise*. A violência cometida e sofrida pelas mulheres foi melhor explicada por características patológicas da personalidade, enquanto que a violência cometida e sofrida pelos homens foi melhor explicada por experiências na família de origem. Com relação às características patológicas da personalidade, Instabilidade de Humor para as mulheres e Agressividade para os homens foram as que explicaram a violência cometida. Estas características aproximam-se de características da personalidade Borderline e Antissocial. Não foram identificadas associações das características do parceiro com a violência conjugal do indivíduo.

Palavras-chave: violência conjugal, transtornos da personalidade; família de origem; maus-tratos infantis.

ABSTRACT

Intimate partner violence is a heterogeneous phenomenon that is presented in the literature to occur so unidirectional and bidirectional between spouses. Several variables are associated with its occurrence, among them personal characteristics of those involved. The aim of this work was to investigate the role of experiences in family of origin and pathological characteristics of personality in the occurrence of intimate partner violence. Therefore, we conducted two studies: 1) A systematic literature review that investigated the personality disorders associated with intimate partner violence. In this review were consulted five databases, restricting the years 2009 to 2014. The results showed Borderline and Antisocial personality disorder as the most frequent, although when investigated other personality disorders also indicated association. We also observed that most studies investigated sample of male perpetrators, but when investigated sample of couples, identified dyadic aspects impacting intimate partner violence. 2) The second article was an empirical study, quantitative, explanatory that investigated the predictive power of the experiences in family of origin and pathological characteristics of personality to intimate partner violence. The sample consisted of 170 heterosexual couples in the metropolitan region of Porto Alegre. Participants responded to the following instruments: *Dimensional Clinical Personality Inventory (IDCP)*, *Family Background Questionnaire (FBQ)* and the *Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)*. Multiple linear regression analysis was performed by the stepwise method. Violence committed and suffered by women was best explained by pathological characteristics of personality, while the violence committed and suffered by men was best explained by experiences in the family of origin. With regard to pathological characteristics of personality, instability of humor for women and aggressiveness for men were the ones that explained the violence committed. These characteristics are similar to the Borderline and Antisocial personality disorder traits. Only the individual characteristics were associated with intimate partner violence, no partner characteristic correlated.

Keywords: intimate partner violence, personality disorders; family of origin; child maltreatment.

Apresentação da Dissertação

A investigação de variáveis que possam explicar a ocorrência de violência conjugal é frequente na literatura. Dutton (1995) formulou um modelo ecológico, que apresenta os fatores de risco divididos de acordo com quatro diferentes níveis: macrosistema, exosistema, microsistema e ontogênico. De acordo com o autor, o primeiro nível, macrosistema, inclui valores culturais; o segundo nível, exosistema refere-se às variáveis sociodemográficas, como idade, escolaridade, situação profissional, apoio social, entre outros; o terceiro nível, microsistema, está relacionado a questões situacionais, como comunicação entre os cônjuges, dinâmica da relação, entre outros; e o nível ontogênico refere-se às características do indivíduo, como seu desenvolvimento, características de personalidade, reações emocionais, etc. Desta forma, é possível observar que existem diversas variáveis envolvidas na explicação do fenômeno.

O Núcleo de Estudos de Família e Violência (NEFAV) possui pesquisas em desenvolvimento que visam investigar variáveis dos diferentes níveis associadas à violência conjugal. O projeto maior do grupo, intitulado “Variáveis preditoras de violência conjugal: experiências na família de origem, características pessoais e relacionais” abrange a investigação de variáveis sociodemográficas, variáveis do relacionamento conjugal, assim como variáveis individuais. Para a presente dissertação, inserida neste projeto maior, tomou-se como foco de estudo investigar a parte das variáveis individuais que possam explicar a ocorrência de violência, de modo que foi avaliado o poder preditivo das experiências na família de origem e das características

patológicas da personalidade para a ocorrência de violência conjugal nos homens e nas mulheres.

Para tanto, esta dissertação é dividida em dois artigos, sendo um teórico e um empírico. O artigo teórico “*Violência Conjugal e Transtornos da Personalidade: uma revisão sistemática da literatura*” possui como objetivo investigar de que forma a temática dos transtornos da personalidade associados à violência conjugal tem sido investigada e quais os principais resultados dos estudos nacionais e internacionais publicados nos últimos cinco anos. Já o artigo empírico “*Violência Conjugal: O poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade*” possui como objetivo avaliar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade para a ocorrência de violência conjugal, nos homens e nas mulheres.

A dissertação é encerrada nas *Considerações Finais da Dissertação*, em que são discutidas as contribuições do estudo. Implicações dos resultados para futuras investigações e limitações são comentadas.

Artigo I

Violência Conjugal e Transtornos da Personalidade: uma revisão sistemática da literatura

RESUMO

Os transtornos da personalidade são frequentemente associados à violência conjugal, compondo inclusive tipologias de agressores. As características dos transtornos da personalidade Borderline e Antissocial são os que aparecem com mais frequência na literatura. Inicialmente esta associação era realizada apenas com homens, mas posteriormente foi identificada em mulheres. Além disso, estudos recentes apontam a necessidade de investigar os transtornos da personalidade na díade em situação de violência, buscando aspectos interacionais. Diante destas mudanças de compreensão do fenômeno ao longo das décadas, o objetivo deste estudo foi investigar de que forma tem sido investigada a temática dos transtornos da personalidade associadas à violência conjugal e quais os principais resultados. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, em que foram consultadas as bases de dados Academic Search Premier, Medline Complete, Web of Science, Scielo e Index psi, restringindo-se a busca aos artigos dos anos de 2009 a 2014 através dos seguintes descritores: “*partner violence*’ or ‘*marital violence*” AND “*personality disorder*’ or ‘*personality disorders*” e seus equivalentes em português. Foram identificados 161 artigos e, com a posterior exclusão dos artigos que se repetiram entre as bases, dos que não possuíam texto na íntegra, dos que não abordavam a temática investigado e dos teóricos, compuseram esta revisão 28 artigos empíricos. Os resultados apontaram que todos os estudos são quantitativos e a maioria deles é realizada com homens perpetradores. As características dos transtornos da personalidade mais prevalentes como preditoras ou associadas à violência conjugal são Borderline e Antissocial, possivelmente por serem as mais investigadas. A investigação do fenômeno continua semelhante às décadas anteriores, embora tenha sido observada a iniciativa de alguns estudos que investigaram a violência cometida e sofrida em amostras mistas e outros dois estudos que investigaram amostra composta por casais. Além disso, observou-se que alguns estudos, ainda que em minoria, utilizaram técnicas estatísticas sofisticadas como as diádicas e a modelagem de equações estruturais.

Palavras-chave: casal, violência conjugal, transtornos da personalidade, relacionamento conjugal.

ABSTRACT

Personality disorders are often associated with intimate partner violence, including composing types of offenders. The Borderline and Antisocial personality disorders traits are those that appear more frequently in the literature. Initially this association was performed only with men, but was later identified in women. In addition, recent studies indicate the need to investigate the personality disorders in the dyad in situations of violence, seeking interactional aspects. Before these changes to understand the phenomenon over the decades, the aim of this study was to analyze how personality disorders associated with intimate partner violence were investigated and what the main results. Therefore, a systematic literature review was performed and were consulted the Academic Search Premier, Medline Complete, Web of Science, Scielo and Index psi databases, restricting the search to articles the years 2009-2014, through the following descriptors: "partner violence 'or' marital violence" AND "personality disorder 'or' personality disorders" and its equivalent in Portuguese. It was identified 161 articles and the subsequent exclusion of items was: repeated between the bases, which did not have the full text, of which did not address the issue investigated and theoretical. Composed these review 28 empirical articles. The results showed that all studies are quantitative and most of them are carried out with male perpetrators. The personality disorder traits predictors or associated with intimate partner violence was Borderline and Antisocial, possibly because they were the most investigated. The investigation of the phenomenon remains similar to previous decades, although it has been observed the initiative of some studies that investigated the violence committed and suffered in mixed samples and two other studies that investigated sample of couples. Furthermore, it was observed that some studies, even in the minority, using sophisticated statistical techniques such as dyadic and structural equation modeling.

Keywords: couple, intimate partner violence, personality disorders; marital relationship.

Introdução

A violência conjugal é um tema que vem sendo fortemente discutido na literatura científica nacional e internacional, através de diferentes perspectivas teóricas. O interesse dos pesquisadores e profissionais da saúde pela questão está relacionado aos elevados índices de sua ocorrência, que acabaram contribuindo para a determinação da violência entre os casais, não mais como uma questão restrita ao lar, mas como um problema de saúde pública (Brasil, 2008). Embora tradicionalmente as mulheres sejam consideradas as principais vítimas da violência (Johnson, 1995; Johnson, 2006; Kelly & Johnson, 2011), alguns estudos identificaram dados de violência praticada também contra os homens (de 11,5% a 30,54%) por parte de suas parceiras (Carmo, Grams, &

Magalhães, 2011; Fehringer & Hindin, 2009) e, mais do que isso, identificaram, em algumas amostras, que as mulheres podem apresentar níveis mais elevados de perpetração da violência do que os homens (Lawrence & Bradbury, 2007; Williams & Frieze, 2005). Ainda, a recente meta-análise realizada por Straus (2011) identificou simetria entre os sexos na perpetração da violência contra o parceiro, mesmo nos casos mais graves. Estas divergências na literatura remetem a complexidade da violência conjugal e a possível heterogeneidade de sua manifestação entre os casais (Langhinrichsen-Rohling, 2010).

Considerada um fenômeno multideterminado, a violência tem sido investigada através de variáveis que possam explicar sua ocorrência. As psicopatologias são frequentemente apontadas pelos estudos, em especial os transtornos da personalidade ou características dos mesmos (Costa & Babcock, 2008; Ehrensaft, Cohen, & Johnson, 2006; Fowler & Westen, 2011; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman & Stuart, 2003; Liu *et al.*, 2012; Maneta, Cohen, Schulz & Waldinger, 2013; Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2010).

Os transtornos da personalidade (TP) são caracterizados por comportamentos persistentes e estáveis, que trazem prejuízos ao indivíduo (APA, 2014). Os indivíduos com TP possuem um repertório limitado e rígido de estratégias para lidar com problemas; percepções e comportamentos que perpetuam suas dificuldades; e baixa resiliência diante do estresse (Millon, 2011). Desta forma, mantêm-se presos aos mesmos problemas e dificuldades. De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), são dez os transtornos da personalidade, divididos em três agrupamentos. O agrupamento A refere-se aos transtornos Paranóide, Esquizóide e Esquizotípica; o agrupamento B aos transtornos Borderline, Antissocial, Histriônica e Narcisista; e o agrupamento C aos transtornos Dependente, Obsessivo-Compulsiva e Esquiva (APA, 2014).

A investigação da associação entre os transtornos da personalidade e a violência conjugal surgiu para responder à pergunta de como e por que se utiliza a violência contra o parceiro (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994; Langhinrichsen-Rohling, Huss & Ramsey, 2000). Com este objetivo, observa-se que na década de 90 houve uma explosão de estudos que propunham tipologias para os agressores conjugais (Gottman et al., 1995; Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994; Monson & Langhinrichsen-Rohling, 1998). Uma das tipologias que ainda hoje é a mais aceita, tendo sido inclusive testada por diversos estudos, foi a formulada por Holtzworth-Munroe e Stuart (1994). Os autores propuseram a caracterização dos agressores conjugais em três diferentes tipos, variando de perpetração de violência menos severa até a perpetração mais severa da violência. O primeiro subtipo é referido por apresentar baixos níveis de psicopatologia; o segundo denominado Borderline e Disfórico caracteriza-se por apresentar maior impulsividade e características da personalidade Borderline; e o terceiro, Violento e Antissocial, apresenta características da personalidade Antissocial ou de Psicopatia. Embora tenha sido desenvolvida com base em homens perpetradores, posteriormente a tipologia foi identificada também em mulheres (Walsh et al., 2010).

Conseqüentemente, com base nesta tipologia, os transtornos da personalidade Borderline e Antissocial aparecem com maior frequência associados à violência conjugal nas pesquisas (Costa & Babcock, 2008; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman & Stuart, 2003; Pico-Alfonso, Echeburúa & Martinez, 2008; Ross & Babcock, 2009). Entretanto, estes transtornos do agrupamento B (APA, 2003) não são os únicos associados a estas situações. O agrupamento A também foi identificado como associado à perpetração da violência conjugal (Ehrensaft *et al.*, 2006). Mesmo o transtorno da personalidade Obsessivo-compulsiva, do agrupamento C, foi observado em perpetradores da violência contra o parceiro (Fernández-Montalvo & Echeburúa, 2008),

embora este resultado deva ser apreciado com cuidado, pois também já foi considerado protetivo das situações de violência conjugal em outro estudo (Ehrensaft, et al., 2006).

Tais dados apontam que não existe clareza com relação ao perfil dos agressores conjugais, nem resposta à pergunta de como e por quê a violência é utilizada nos relacionamentos, afinal indivíduos com diferentes transtornos da personalidade possuem diferentes motivos para utilizar a agressão contra o parceiro (Ross e Babcock, 2009). Além disso, observa-se na literatura que estes mesmos transtornos que se associam à perpetração da violência conjugal, também estão relacionados à vitimização pelo parceiro, conforme observado nos transtornos do agrupamento A (Pico-Alfonso *et al.*, 2008) e no transtorno da personalidade Borderline (Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton, & Baldry, 2010; Pico-Alfonso, *et al.*, 2008), de forma que possibilita questionar as aproximações existentes entre a perpetração e vitimização da violência. Embora poucas pesquisas tenham encontrado a presença de transtornos da personalidade ou suas características nas vítimas de violência conjugal, deve-se considerar que a maioria dos estudos negligencia este dado quando investiga apenas a agressão praticada contra o parceiro (Fowler & Westen, 2011; Holtzworth-Munroe et al., 2000; Holtzworth-Munroe et al., 2003; Liu et al., 2012; Ross & Babcock, 2009; Walsh et al., 2010; Weinstein *et al.*, 2012).

Observa-se na literatura que a maioria dos estudos investiga isoladamente a associação dos transtornos da personalidade com a perpetração da violência, enquanto alguns poucos investigam também a associação com a vitimização. Em contraste a estes estudos, Bouchard, Sabourin, Lussier & Villeneuve (2009) realizaram uma pesquisa com 30 mulheres em situação de violência conjugal e seus parceiros. Todas as mulheres eram diagnosticadas com transtorno da personalidade Borderline e identificou-se que metade dos seus parceiros possuía indicações diagnósticas para um ou mais transtornos

da personalidade. Este resultado reflete a necessidade de investigação dos casais para contemplar aspectos da interação. Nesta direção, Langhinrichsen-Rohling (2010), avançando no modelo de tipologia dos agressores conjugais de Holtzwoth-Munroe e Stuart (1994), propôs uma nova tipologia, agora não para os agressores conjugais, mas para uma compreensão da violência conjugal.

Os subtipos são referidos pela autora como “diádicos”, considerando as características disfuncionais de cada membro do casal. O primeiro refere-se a “dyadic dominance”, em que os indivíduos apresentam comportamento de poder e controle; o segundo “dyadic dysregulation” caracteriza-se pelo medo de abandono e desregulação emocional dos parceiros, semelhante ao Borderline/Disfórico de Holtzwoth-Munroe e Stuart (1994); e o terceiro “dyadic couple violence” refere-se ao ciclo da violência gerado por déficits de comunicação. Os dois primeiros apresentam características de transtornos da personalidade e o terceiro apresenta baixos níveis de psicopatologia. Esta proposta tipológica sofreu muita repercussão e gerou debate na literatura entre os pesquisadores (Johnson, 2010; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Ross & Babcock, 2010).

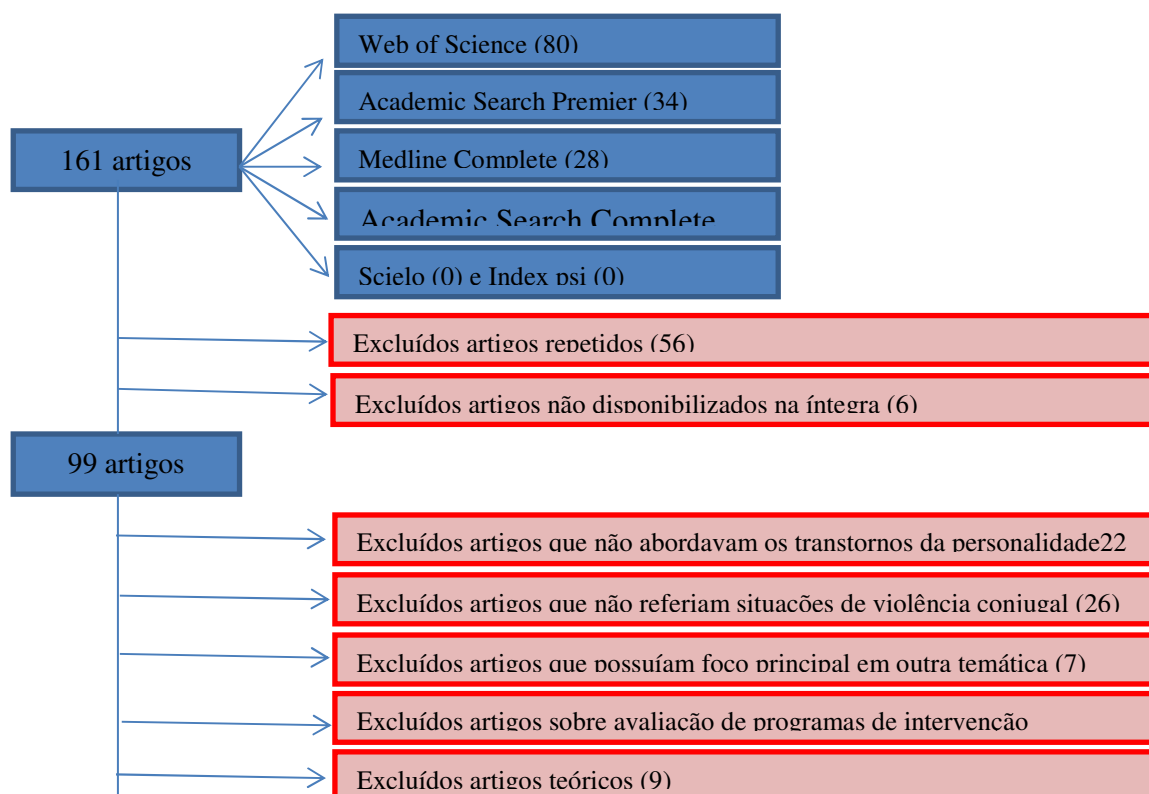
As mudanças na compreensão do fenômeno observadas na literatura demonstram o avanço das pesquisas no estudo da temática. Ainda assim, os resultados não são conclusivos e podem decorrer de diferentes abordagens e do aprimoramento metodológico observado nas investigações. Considerando estes aspectos, o objetivo deste estudo é avaliar de que forma as pesquisas dos últimos cinco anos têm investigado a associação dos transtornos da personalidade à violência conjugal e quais são os principais resultados desses estudos.

Método

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura. Para tal, foram consultadas as bases Academic Search Complete, Academic Search Premier, Medline Complete, Web of Science, Scielo e Index psi. Diante do objetivo de avaliar estudos atuais, a busca delimitou-se aos artigos publicados nos anos de 2009 a 2014. Incluiu-se neste estudo apenas os artigos científicos e empíricos, com temática referente aos transtornos da personalidade, ou suas características, associados à violência conjugal. Para recuperação dos artigos nas bases de dados utilizou-se os seguintes descritores: “*partner violence*” or “*marital violence*” AND “*personality disorder*” or “*personality disorders*” e seus equivalentes em português.

Foram encontrados 161 artigos, sendo que o maior número foi identificado na base Web of Science (80). Em uma primeira análise, foram excluídos 56 artigos que se repetiram entre as bases e seis que não estavam disponíveis com texto na íntegra. Desta forma, foram analisados os resumos dos 99 artigos restantes e excluídos: artigos que fugiam da temática central; artigos que referiam a avaliação de programas de intervenção; e artigos teóricos, conforme pode ser observado na figura 1. Desta forma, compuseram esta revisão 28 artigos empíricos.

Figura 1: Fluxo de seleção dos artigos

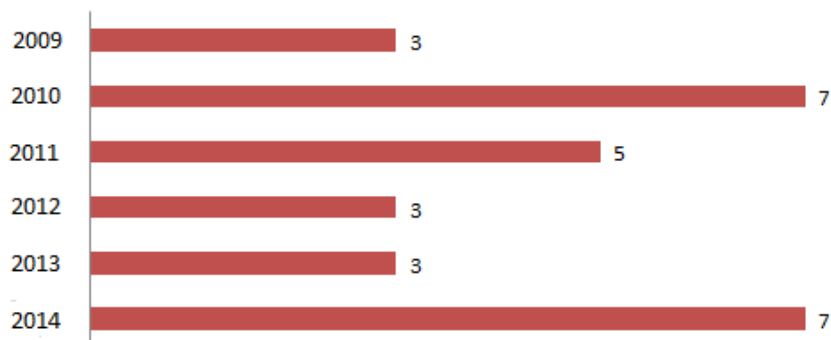


Resultados

Através da análise dos artigos, observou-se que Estados Unidos e Espanha foram os Países que se destacaram com relação às publicações sobre a temática, sendo que o primeiro é responsável por metade (14) dos estudos encontrados e o segundo por nove. Já Holanda, Noruega, Reino Unido e China contabilizaram juntos apenas cinco artigos. Não foi identificado nenhum estudo brasileiro.

Com relação à distribuição dos artigos por ano, observou-se maior prevalência nos anos de 2010 e 2014, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Distribuição dos artigos por ano



A tabela 1 descreve os artigos encontrados no que se refere aos objetivos, delineamentos, participantes, instrumentos que mensuraram características de personalidade e violência conjugal, além de apresentar os principais resultados encontrados. Muitos estudos não explicitavam o delineamento, que foi então definido com base nos objetivos e resultados do estudo.

Tabela 1 – Descrição das informações sobre os artigos encontrados

Autores	Ano	País	Objetivos	Delineamento Análises	Participantes	Instrumentos que mensuraram personalidade e violência conjugal	Principais resultados
1 Liu, Zhang, Brady, Cao, He, & Zhang	2012	China	Investigar o papel dos TPB e TPA, da agressividade e da impulsividade na relação entre maus-tratos na infância e perpetração de violência física.	Explicativo/ Modelagem de equações estruturais	206 homens perpetradores de violência conjugal	- CTS 2; - The Domestic Violence Screening Questionnaire; - Personality Diagnostic Questionnaire-4+(PDQ-41)- subescala TPB e TPA	As características dos TPB e TPA mediaram a relação entre maus tratos na infância e perpetração de violência física grave contra o parceiro através das variáveis latentes agressividade e impulsividade.
2 Boira & Jodrá	2013	Espanha	Classificar os participantes em grupos homogêneos, buscando identificar diferenças e similaridades.	Comparativo/ Análise de cluster	61 homens condenados por perpetração de violência contra a parceira	-CTS 2; - Inventario Clínico Multiaxial de Millon (MCMI-II).	Dois grupos identificados: 1) homens emocionalmente mais estáveis, menor taxa de uso de drogas e expressão menos intensa da violência, mais pontuação em personalidade compulsiva; 2) homens que reconheceram o maior número de agressões físicas menores, maiores valores nas escalas de personalidade antissocial, passivo-agressiva e esquizotípica, maiores pontuações no consumo de drogas.
3 Ross e Babcock	2009	Estados Unidos	Investigar o uso de violência conjugal próativa versus reativa em homens diagnosticados com TPA e TPB.	Comparativo/ MANOVA/ "lag sequential method"	124 homens perpetradores de violência física contra a parceira	- CTS 2; - SCID-II – para TPA e TPB	Homens com TP foram significativamente mais violentos do que aqueles sem TP. Homens com TPB utilizaram a violência mais de forma reativa e os homens com TPA utilizaram a violência de forma pró ativa e reativa.
4 Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry	2010	Holanda	Investigar a associação entre TPB e transtorno de estresse pós-trauma em mulheres vítimas de violência conjugal.	Explicativo/ Correlação Pearson/ regressão múltipla	120 mulheres vítimas de violência conjugal	- CTS 2 - Personality Diagnostic Questionnaire-4+(PDQ-41) – subescala TPB	Correlação positiva entre características do TPB com severidade de violência conjugal sofrida; TPB é preditor de transtorno de estresse pós-trauma nas mulheres vítimas.
5 Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut	2012	Espanha	Investigar os grupos de perpetradores de violência conjugal.	Comparativo/ Análise de cluster	175 homens condenados por perpetração de violência contra a parceira	-CTS 2; - Inventario Clínico Multiaxial de Millon (MCMI-III).	Três perfis de personalidade: Grupo 1 (27%) - baixa patologia, pontuação em compulsivo, histriônico e narcisista; Grupo 3 (30%) - Alta patologia, pontuação em paranóico, sádico, anti-social, negativista e borderline; Grupo 2 – 43%, intermediário entre os dois anteriores. O grupo 3 apresentou mais agressão psicológica e coerção sexual menor e não houve diferença em violência física.
6 Thomas, Bennett & Stoops	2013	Estados Unidos	Comparar agressores conjugais que possuem problemas com álcool e drogas com aqueles que não possuem.	Comparativo/ MANOVA Chi Square	798 homens perpetradores de violência conjugal	- CTS 2 – violência física e injúria - Psychological Maltreatment of Women Index – agressão psicológica - Borderline Personality Organization Scale	Agressores com problemas com álcool e drogas apresentaram maiores níveis de violência física e agressão psicológica, tiveram maior tendência a apresentar uma organização de personalidade Borderline e níveis mais elevados de raiva.
7 Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger	2013	Estados Unidos	Investigar associação entre características de organização Borderline e perpetração e vitimização de violência	Explicativo/ Modelagem de equações estruturais	209 casais	- CTS 2 – violência física - Inventory of Personality Organization	Características de organização Borderline nos homens associou-se positivamente a perpetração de violência contra as parceiras e a sofrer a violência perpetrada por elas; características de organização Borderline nas mulheres associou-se positivamente apenas a sofrer a violência

				conjugal.				perpetrada pelo parceiro.
8	Thornton, Graham-Kevan & Archer	2010	Reino Unido	Investigar os preditores da agressividade violenta e não violenta em homens e mulheres.	Explicativo/ Correlação de Pearson/ Regressão	116 homens e 181 mulheres (população geral)	- Violent and Nonviolent Offending Behavior Scale - International Personality Disorder Examination— Screening Questionnaire (IPDE-SQ)	Nos homens, as características dos transtornos do cluster A explicaram 25,6% da variância de perpetração da violência conjugal; Nas mulheres, as características dos transtornos do cluster B explicou 11,2% da variância.
9	Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut	2011	Espanha	Analisar a influência da personalidade na violência conjugal.	Comparativo/ Análise de cluster	48 homens condenados por violência conjugal	-CTS 2; - Inventario Clínico Multiaxial de Millon (MCMI-III) -	Dois grupos de agressores: Grupo 1 – 43,75% pontuação em compulsivo, histriônico e narcisista; menor distorção cognitiva; maior controle da raiva; Grupo 2 – 56,25% pontuação alta em antisocial, agressivo-sádica, passivo-agressiva e paranoide; mais distorção cognitiva e menor controle da raiva; Diferença nos tipos de violência refere-se apenas ao grupo 2 perpetrar mais agressão psicológica.
10	Loinaz, Echeburúa & Torrubia	2010	Espanha	Estabelecer empiricamente uma tipologia de agressores conjugais.	Comparativo/ Análise de cluster	50 homens condenados por violência conjugal	-CTS 2; - Inventario Clínico Multiaxial de Millon (MCMI-III)	Grupo 1 – pontuação em compulsivo e histriônico Grupo 2 – pontuação mais alta em todas as escalas de personalidade, em especial na antissocial e paranoide; mais distorções cognitivas; maior pontuação em dependência de álcool e drogas.
11	Whisman, & Schonbrun	2009	Estados Unidos	Identificar associação entre sintomas do TPB e problemas conjugais, perpetração de violência e dissolução da união.	Explicativo/ Regressão Linear e Regressões Logísticas	635 mulheres e 512 homens em um relacionamento amoroso no ano anterior	-CTS 2 – violência física/ versão modificada pelos autores do estudo -Personality Disorder Examination Screening Questionnaire (IPDEQ)	Os sintomas do TPB associaram-se positivamente a problemas conjugais, a probabilidade de perpetração de violência física menor e severa e a probabilidade de dissolução da união.
12	Ross	2011	Estados Unidos	Analisar a personalidade e autorrelato de razões para perpetração de violência conjugal.	Explicativo/ Análise de componentes principais; Regressão	30 mulheres e 56 homens perpetradores de violência conjugal	-CTS 2- violência física - Personality Diagnostic Questionnaire-4 (PDQ-4)- TPB e TPA	As razões para as mulheres perpetrarem violência esteve amplamente associada a aspectos situacionais (auto-defesa, dominação, retaliação e desregulação emocional), mas também às características do TPB. Nos homens as razões foram associadas apenas às características de TPB e TPA..
13	Corral & Calvete	2014	Espanha	Examinar a prevalência de TP em homens perpetradores de violência conjugal e a relação entre esquemas desadaptativos e TP.	Descritivo / Frequências e Análise fatorial confirmatória	119 homens perpetradores de violência conjugal	-CTS 2; - Inventario Clínico Multiaxial de Millon (MCMI-III) - Subescalas paranoide, borderline, obsessivo-compulsiva, narcisista, histriônica, antisocial, sádica e dependente	27,7% parecem apresentar algum TP e 57,1% apresentaram características de TP. Características de TP mais predominantes foram narcisista (24.6%), obsessivo-compulsiva (21.9%) e paranoide (17.5%). Observou-se associação entre os TP e os domínios dos esquemas iniciais desadaptativos.
14	Fowler & Westen	2011	Estados Unidos	Identificar subgrupos de homens perpetradores de violência conjugal baseados na personalidade.	Comparativo/ Q-factor analysis	Psicólogos e psiquiatras selecionados aleatoriamente para descrever 188 pacientes homens	- Duas perguntas: “O paciente esteve em um relacionamento fisicamente violento na idade adulta? Se ‘sim,’ o paciente era a vítima, o perpetrador ou ambos?” - Shedler–Westen Assessment Procedure-II (SWAP-II) - SCID-II - para eixo II	Foram identificados três subgrupos: Grupo 1 Psicopático - maior prevalência de TP antissocial Grupo 2 Hostil e controlador - maior prevalência de TP paranoide Grupo 3 Borderline/Dependente - maior prevalência de TP Borderline e TP Dependente
15	Kivisto, Kivisto, Moore	2011	Estados Unidos	Examinar o papel moderador da vergonha	Explicativo/	423 homens universitários	-CTS 2 - The Personality Diagnostic	A vergonha moderou a associação entre características de TP antissocial e perpetração das três formas de violência (física,

	& Rhatigan			e da culpa na associação entre características de TP antissocial e perpetração de violência conjugal	Modelagem de equações estruturais	envolvidos em um relacionamento íntimo	Questionnaire-41 (PDQ-4+) - subescala TPA	psicológica e sexual). Com o aumento da vergonha houve também o aumento da associação.
16	Schumm, O'Farrell, Murphy, & Muchowsk	2011	Estados Unidos	Testar um modelo conceitual que integra características do TPA, abuso de álcool e drogas, violência generalizada e ajustamento conjugal	Explicativo/ Modelagem de equações estruturais	277 mulheres em tratamento por uso de substâncias que responderam aos instrumentos por elas e por seus companheiros	-CTS 2 -SCID-II - subescala TP antissocial (responderam também sobre os parceiros)	As características antissociais de cada parceiro esteve direta e indiretamente associada a perpetração da violência conjugal. Identificou-se relação recíproca entre os parceiros na agressão psicológica, mas não na física. Contabilizando os preditores individuais e relacionais, a perpetração da violência física dos parceiros influenciou a violência física das mulheres, mas a perpetração da violência física delas não influenciou a dos seus parceiros.
17	Marshall & Holtzworth-Munroe	2010	Estados Unidos	Examinar as habilidades de reconhecimento de emoções em maridos considerando os subtipos de perpetradores de violência conjugal (Borderline/ disfórico e Psicopático).	Explicativo Análise de Regressão	88 casais	-CTS 2 - Millon Clinical Multiaxial Inventory, 2nd Edition (MCMI-II) - subescala medo de abandono - -BDI - Relationship Scales Questionnaire (RSQ) - Self-Report of Psychopathy (SRP)	Sensibilidade diminuída à expressão de felicidade das esposas mediu parcialmente a relação entre características do subtipo Borderline/disfórico e perpetração de violência conjugal. O mesmo ocorreu com o subtipo psicopático. A sensibilidade diminuída à expressão de medo das esposas mediu a relação entre psicopatia e perpetração de violência em nível abaixo do ideal.
18	Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier	2014	Estados Unidos	Avaliar o papel de fatores demográficos, saúde mental e uso de substâncias como fatores de risco para a violência conjugal.	Explicativo/ Regressão Logística	25,778 participantes homens e mulheres	- Itens derivados da CTS -Entrevista estruturada do DSM-IV - para transtornos do eixo I e TP antissocial	Foram identificadas três tipologias de violência conjugal: Apenas perpetração, apenas vitimização e perpetração/vitimização. O TP antissocial esteve associado aos subtipos apenas perpetração e perpetração/vitimização.
19	Taft, O'Farrell, Doron-LaMarca, Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy	2010	Estados Unidos	Analisar fatores de risco estáticos e variáveis no tempo para perpetração de violência conjugal.	Longitudinal, Explicativo/ Regressão	178 homens em tratamento por abuso ou dependência de álcool e suas parceiras	-CTS 2 -subescala violência física - California Personality Inventory Socialization Scale -SCID - características TP antissocial	42% da amostra apresentou perpetração de violência e depois de 12 meses 36.% apresentaram. Preditores estáticos da violência conjugal foram inicial gravidade do uso de álcool, crenças de referência relacionados ao uso de álcool, e características de personalidade antisocial. Preditores que variáveis foram, abuso de álcool e drogas, ajustamento conjugal e raiva.
20	Askeland & Heir	2014	Noruega	Examinar a prevalência de transtornos psiquiátricos em homens que voluntariamente procuraram tratamento por violência conjugal.	Descritivo/ Frequências	197 perpetradores de violência conjugal em tratamento.	- Violence Questionnaire (VQ) - Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI) - avalia 16 transtornos de eixo I e TP antissocial	70,9% dos participantes possuíam indicação para ao menos um transtorno psiquiátrico. 40,2% apresentavam abuso de substâncias, 31,8% episódio depressivo maior, 38,5% ansiedade, 21,2% TP Antissocial.
21	Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun,	2010	Estados Unidos	Examinar a heterogeneidade entre os pacientes psiquiátricos homens e mulheres com	Comparativo/ Análise de cluster	567 pacientes psiquiátricos	- MVRAS - Structured Interview for Disorders of Personality - TPB e TPA - PCL:SV - psicopatia	Foram identificados em homens e mulheres os três subtipos de perpetradores: violento/antissocial, Borderline/disfórico, "Family only"/baixa psicopatologia. TPA foi considerado fator de risco tanto para perpetração quanto vitimização de

	Shea & Stuart			história de perpetração de violência conjugal				violência conjugal.
22	Buck, Leenaars, Emmelkamp & Marle	2014	Holanda	Examinar quais as causas do comportamento violento de perpetradores e não perpetradores com apego seguro	Explicativo/ Regressão logística, ANOVA, Correlação de Pearson	72 homens em tratamento por perpetração de violência conjugal e 72 não perpetradores	-CTS 2 - violência física, sexual e injúria -Personality Disorder Questionnaire-Revised (PDQ- 4+) - escalas Antissocial, Narcisista e Borderline	As características do TPA explicou 19% da variância de perpetração de violência conjugal em indivíduos com apego seguro. Traços de TPN e TPB estão relacionados com perpetração de violência conjugal em indivíduos com apego seguro quando características de TPN e TPB foram inseridos sozinhos na equação.
23	Jose , O'Leary, Gomez & Foran	2014	Espanha	Testar um modelo explicativo da perpetração de violência conjugal.	Explicativo/ Modelagem de equações estruturais	194 homens perpetradores de violência física e psicológica contra as parceiras	-CTS 2 - McLean Screening Instrument for Borderline Personality Disorder (MSI-BPD); - Levenson Primary and Secondary Psychopathy Scale (LPSP)	Características de TPB e problemas com álcool associaram-se a perpetração de agressão física, sendo a relação mediada pela agressão psicológica. Foi encontrada relação recíproca entre perpetração e vitimização de agressão psicológica, mas não na violência física.
24	Weinstein, Gleason & Oltmanns	2012	Estados Unidos	Examinar associação entre características dos transtornos da personalidade Antissocial e Borderline e a frequência de violência psicológica e física contra o parceiro.	Explicativo/ Regressão Múltipla	872 adultos	-CTS 2 -Entrevista Estruturada do DSM-IV - para eixo II - regressão apenas com TPB e TPA	Características do TPB associaram-se a perpetração de violência física, sendo a relação moderada pelo sexo. Características de TPA não tiveram associação significativa.
25	García-Jiménez, Godoy-Fernández, Llor-Esteban, & Ruiz-Hernández	2014	Espanha	Determinar diferenças no perfil de delinquência e psicopatologia de agressores conjugais.	Explicativo/ Regressão logística	90 homens perpetradores de violência conjugal: 50 cumprindo pena e 40 cumprindo medida alternativa	-Revisão dos arquivos penal e penitenciário -SCID-II - escalas Borderline, Antissocial e Passivo-agressiva	Presença de TP aumenta o risco de ser enviado à prisão, ou seja, cometer agressão mais severa; TP Antissocial foi semelhante em ambos os grupos; TP Borderline foi diagnosticado principalmente no grupo de presidiários; TP Passivo-agressivo foi escasso em toda a amostra.
26	Chérrez-Bermejo & Alás-Brun	2014	Espanha	Obter dados epidemiológicos sobre consumo substâncias	Descritivo/ Frequências	106 homens condenados por violência de gênero	-História clínica informada no Sistema Navarro de Salud	Transtornos mentais foram identificados em 25,5% da amostra. 6,6% referiam-se a TP. 61,3% com hábito de abuso de substâncias.
27	Sarto & Esteban	2010	Espanha	Conhecer as características de homens perpetradores de violência e relacionar com possível abandono de tratamento.	Descritivo/ Frequências Qui-quadrado Correlação de Pearson	118 homens perpetradores de violência em um programa de intervenção	-Entrevista semi-estruturada -MCMI-II	79,8% apresentaram ao menos um transtorno da personalidade. 47,9% obtiveram pontuação elevada na escala compulsiva, sendo seguida por antissocial, agressivo-sádica, narcisista e histriônica. Consumo de álcool e drogas mostrou associação com abandono de tratamento. TPs, tipos de violência, início e duração da conduta violenta não tiveram relação com o abandono.
28	Mignone, Klostermann & Rui Chen	2009	Estados Unidos	Investigar associação entre uso de álcool e ocorrência de violência conjugal, considerando também o papel moderador do TPA.	Explicativo/ Regressão	294 perpetradores de violência conjugal em tratamento por uso de álcool e suas parceiras.	-CTS 2 -TLFB-SV -SCID - TPA	Homens que recaíam no uso de álcool também recaíam na agressão física. Consumo de álcool pela parceira aumentou a probabilidade de vitimização das mesmas. Uso de álcool e perpetração de violência menos severa foi mais proeminente em homens diagnosticados com TPA.

Foi possível observar que a maioria dos estudos optou por empregar o termo características dos transtornos da personalidade por terem utilizado instrumentos que ofereciam este resultado e não o diagnóstico em si. Com relação aos participantes dos estudos, verificou-se que 67,85% investigaram amostras de homens perpetradores (Askeland & Heir, 2014; Boira & Jodrá, 2013; Buck, Leenaars, Emmelkamp & Marle, 2014; Chérrez-Bermejo & Alás-Brun, 2014; Corral & Calvete, 2014; Fowler & Westen, 2011; García-Jiménez, Godoy-Fernándezb, Llor-Estebanb, & Ruiz- Hernándezb, 2014; Jose , O’Leary, Gomez & Foran, 2014; Kivisto, Kivisto, Moore & Rhatigan, 2011; Liu, Zhang, Brady, Cao, He, & Zhang, 2012; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2012; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2010; Marshall & Holtzworth-Munroe, 2010; Mignone, Klostermann & Rui Chen, 2009; Ross e Babcock, 2009; Thomas, Bennett & Stoops, 2013; Taft, O’Farrell, Doron-LaMarca, Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy, 2010; Sarto & Esteban, 2010) e um estudo investigou amostra de mulheres vítimas (Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry, 2010). Entretanto, observou-se nesta revisão a iniciativa de algumas pesquisas (21,42%), que investigaram as características dos transtornos da personalidade e a perpetração da violência em amostras compostas por homens e mulheres (Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier, 2014; Ross, 2011; Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2010; Whisman, & Schonbrun, 2009; Walsh, Swogger, O’Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010; Weinstein, Gleason & Oltmanns, 2012). Além disso, encontraram-se os estudos realizados por Reingle e colaboradores (2014) e Walsh e colaboradores (2010) que avaliaram não apenas a violência cometida, mas também a sofrida na mesma amostra.

Dos 28 artigos analisados, apenas dois investigaram aspectos diádicos na associação entre as características dos transtornos da personalidade e a violência conjugal (Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2013; Schumm, O’Farrell, Murphy, Murphy & Muchowsk, 2011). Salienta-se que apenas o estudo de Maneta e colaboradores (2013) possuía amostra

constituída por casais, enquanto o estudo de Schumm e colaboradores (2011) coletou dados do casal, mas tendo como fonte apenas as mulheres. No primeiro estudo, foi identificado que, nos homens, as características Borderline associaram-se tanto a perpetração quanto a sofrer a violência perpetrada por suas parceiras e, nas mulheres, associou-se apenas a sofrer a violência perpetrada por seus parceiros (Maneta et. al., 2013). No segundo estudo foi identificado que a perpetração da violência física dos homens influenciou a das mulheres, mas a delas não influenciou a dos seus parceiros (Schumm et. al., 2011).

Verifica-se que a metodologia empregada pelos estudos foi exclusivamente quantitativa e os delineamentos, em sua maioria, eram explicativos ou comparativos. Neste sentido, os autores optaram por identificar o poder preditivo das características dos transtornos da personalidade para a violência conjugal, ou exploraram os diferentes grupos de agressores de acordo com suas características de personalidade.

Para melhor apreciação dos resultados dos estudos apresentados na tabela 2, foram criadas quatro categorias que contemplam diferentes aspectos avaliados:

Transtornos da Personalidade prevalentes na perpetração da violência

As características dos transtornos Borderline e Antissocial foram os que mais apresentaram associação com perpetração da violência. Entretanto, ressalta-se que 57,14% dos estudos utilizou instrumentos para medir apenas estes dois transtornos (Askeland & Heir, 2014; Jose , O'Leary, Gomez & Foran, 2014; Kivisto, Kivisto, Moore & Rhatigan, 2011; Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry, 2010; Liu, Zhang, Brady, Cao, He, & Zhang, 2012; Marshall & Holtzworth-Munroe, 2010; Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2013; Mignone, Klostermann & Rui Chen, 2009; Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier, 2014; Ross, 2011; Ross e Babcock, 2009; Schumm, O'Farrell, Murphy, Murphy & Muchowsk, 2011; Thomas, Bennett & Stoops, 2013; Taft, O'Farrell, Doron-LaMarca,

Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy, 2010; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010; Weinstein, Gleason & Oltmanns, 2012). Importante considerar que três destes estudos utilizaram medidas de psicopatia no lugar de medidas de personalidade antissocial e um deles utilizou tanto medida de psicopatia quanto de personalidade antissocial.

Considerando outras características dos transtornos da personalidade associadas à perpetração de violência foi identificada a prevalência das características Narcisista, Obsessivo-Compulsiva, Histriônica, Paranóide, Esquizotípica e Passivo-agressiva (Sarto & Esteban, 2010; Boira & Jodrá, 2013; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2012; Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2010; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2010; Corral & Calvete, 2014; Buck, Leenaars, Emmelkamp & Marle, 2014).

Oito dos 28 estudos analisados (28,57%) buscaram investigar diferenças entre os perfis de perpetradores de violência, buscando a identificação de uma tipologia (Boira & Jodrá, 2013; Ross e Babcock, 2009; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2012; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2010; Fowler & Westen, 2011; Marshall & Holtzworth-Munroe, 2010; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010). Alguns estudos identificaram dois subtipos de perpetradores e outros identificaram três. Os subtipos foram divididos considerando-se a gravidade da perpetração da violência e os transtornos predominantes. Entretanto, Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut (2012) não identificaram diferenças entre os subtipos de perpetradores com relação aos níveis de severidade da violência física. Em todos os estudos foram identificadas características da personalidade Antissocial ou psicopatia nos perpetradores de violência severa; e as características de personalidade Obsessivo-compulsiva, Histriônica e Narcisista nos perpetradores de violência menos severa. As características da personalidade Borderline foram identificadas compondo subtipos diversos, de menor gravidade da violência (Fowler & Westen, 2011) até os de maior severidade (Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2012), não

havendo consenso na literatura. Além disso, as características da personalidade Paranoide, Esquizotípica e Passivo-agressiva, embora menos frequentes, também apareceram contemplando os subtipos de perpetradores mais violentos e intermediários.

Transtornos da Personalidade mais prevalentes na vitimização da violência

Poucos são os estudos que investigaram a associação das características dos transtornos da personalidade com a vitimização da violência conjugal. Observa-se que alguns estudos conseguiram capturar estes dados através da perpetração da violência cometida pelo parceiro. Nesse sentido foram identificados apenas quatro pesquisas que investigaram esta relação e identificaram associações positivas entre personalidade Antissocial e vitimização ou violência bidirecional (Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier, 2014; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010) e personalidade Borderline a vitimização (Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry, 2010; Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2013). Entretanto, é necessário considerar que, nesses estudos, foram utilizadas apenas medidas de personalidade Antissocial ou Borderline.

Diferenças entre os sexos

As características de personalidade Antissocial e Borderline foram identificadas não somente em homens, mas também em mulheres perpetradoras (Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2010; Whisman, & Schonbrun, 2009; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010; Weinstein, Gleason & Oltmanns, 2012). Entretanto, contrariando achados dessas pesquisas, o estudo realizado por Ross (2011) identificou que as razões para as mulheres perpetrarem violência contra o parceiro esteve mais associada à auto-defesa, dominação, retaliação e desregulação emocional do que às características Borderline, enquanto que, nos homens, as razões estiveram mais associadas às características Borderline e

Antissocial. Na mesma direção, o estudo realizado por Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger (2013) não identificou as características Borderline associadas à perpetração nas mulheres, somente em seus parceiros. Estes resultados apontam para importantes diferenças entre os sexos, ainda controversas nos estudos.

Outras variáveis investigadas

Destaca-se o abuso de substâncias psicoativas como importante variável identificada nos artigos desta revisão associada à perpetração de violência conjugal e às características dos transtornos da personalidade (Boira & Jodrá, 2013; Thomas, Bennett & Stoops, 2013; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2010; Taft, O'Farrell, Doron-LaMarca, Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy, 2010; Sarto & Esteban, 2010; Mignone, Klostermann & Rui Chen, 2009). A dificuldade no controle da raiva também foi referida como associada à perpetração da violência (Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2011; Taft, O'Farrell, Doron-LaMarca, Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy, 2010), tendo sido identificada no grupo de perpetradores com características de personalidade antissocial, agressivo-sádica, passivo-agressiva e paranoide. Já as variáveis agressividade e impulsividade foram destaque no estudo realizado por Liu e colaboradores (2012). Os autores identificaram que foi através destas variáveis que as características de personalidade Borderline e Antissocial associaram-se à perpetração de violência física, em uma amostra de homens perpetradores de violência.

Discussão

Diante da avaliação dos 28 artigos que compõem esta revisão sistemática da literatura é possível apresentar e discutir de que forma a temática investigada tem se apresentado no

campo científico. Observa-se que as características dos transtornos da personalidade Borderline e Antissocial continuam sendo as principais associadas às situações de violência conjugal, mas é importante considerar que a maioria das pesquisas utilizou instrumentos para medir apenas estes dois transtornos, conforme já vinha sendo realizado por estudos anteriores (Costa & Babcock, 2008; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman & Stuart, 2003; Pico-Alfonso, Echeburúa & Martinez, 2008). Esta escolha pode estar associada ao fato das personalidades Borderline e Antissocial possuírem relação direta com o comportamento violento, por suas características de agressividade e impulsividade (Liu et al., 2012).

Nas pesquisas que buscaram identificar subtipos de agressores conjugais, observou-se que a personalidade Borderline, em alguns estudos, agrupou-se aos agressores antissociais e em outros foi identificada em grupo separado, conforme sugerido pela literatura (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994). Estas inconsistências podem estar associadas à dificuldade de diferenciação destas características da personalidade (Babcock, Green & Webb, 2008). Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman, e Stuart (2003) não identificaram diferença significativa entre os agressores com personalidade Borderline e Antissocial nas medidas de comportamentos antissociais e outros estudos já apontavam correlação significativa entre as duas medidas de personalidade (Mauricio, Tein & Lopez, 2007; Waltz, Babcock & Gottman, 2000).

É importante considerar que são constructos difíceis de serem mensurados e suas semelhanças estão justamente na expressão do comportamento. Para resolver este impasse, alguns estudos utilizam medidas de psicopatia, conforme observado em alguns artigos que compõem esta revisão (Jose , O'Leary, Gomez & Foran, 2014; Marshall & Holtzworth-Munroe, 2010; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010), no intuito de diferenciar melhor a personalidade Borderline da Antissocial. O que difere em ambos seriam os motivos que os levam a determinados comportamentos. Este aspecto foi avaliado por Ross

e Babcock (2009), que identificaram que os homens com TP Borderline utilizavam a violência de forma reativa, enquanto homens com TP Antissocial utilizavam a violência tanto de forma reativa quanto pró-ativa.

Embora estas características sejam as mais frequentes na associação com a violência conjugal, quando investigadas outras características dos transtornos da personalidade que também podem estar associadas a estas situações, surgem as características de personalidade Narcisista, Obsessivo-Compulsiva, Histriônica, Paranóide, Esquizotípica e Passivo-agressiva, também referidas em estudos anteriores (Ehrensaft, et al., 2006; Fernández-Montalvo & Echeburúa, 2008). Esta diversidade de características nos perpetradores é um problema antigo, que continua presente nos estudos atuais e impossibilita respostas mais conclusivas com relação a um perfil específico de agressores conjugais e a compreensão dos motivos que levam a agressão contra o/a parceiro/a.

A comum sobreposição das características dos transtornos da personalidade e as comorbidades entre eles (APA, 2014) podem ser os principais entraves nesta investigação, além da dificuldade de contemplar os transtornos da personalidade em instrumentos de mensuração. Um dos subtipos de agressores identificado pelos estudos referia presença de personalidade Narcisista, Obsessivo-Compulsiva e Histriônica, mas é importante considerar que estas escalas, no MCMI-III, remetem a ausência de psicopatologia (Alencar, Sousa, Rocha & Alchieri, 2012), por uma dificuldade do instrumento em mensurar aspectos patológicos destas características. Deste modo, poderia se considerar que este subtipo de agressor aproxima-se daquele referido por Holtzworth e Stuart (1994), com ausência de psicopatologia.

Alguns poucos estudos avaliaram e identificaram a raiva, a agressividade e a impulsividade contribuindo na relação entre TP e perpetração de violência conjugal (Liu et al., 2012; Loinaz, Echeburúa & Torrúbia, 2011; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Taft,

O'Farrell, Doron-LaMarca, Panuzio, Suvak, Gagnon & Murphy, 2010). Por serem aspectos melhor conceituados e mais facilmente mensurados em comparação aos transtornos da personalidade, estas variáveis podem contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da violência entre os casais e das tipologias de agressores. Além disso, estas são características presentes em diversos dos transtornos da personalidade, de modo que precisam ganhar mais espaço nos estudos que investigam os TP e a violência conjugal.

Com relação à vitimização da violência, foram identificados os transtornos Borderline e Antissocial (Kuijpers et. al., 2010; Maneta et. al., 2013; Reingle et.al., 2014; Walsh et. al., 2010). Este é um resultado bastante interessante, pois refere dois transtornos tradicionalmente associados à perpetração do comportamento violento na posição de quem sofre a violência praticada pelo parceiro, ainda que a personalidade Borderline já tenha sido apontada por estudo anterior (Pico-Alfonso, *et al.*, 2008). Tal resultado permite algumas suposições com relação aos aspectos interacionais da violência, uma vez que as características de personalidade do indivíduo relacionam-se ao comportamento violento praticado tanto por ele como pelo parceiro.

Entretanto, é importante ressaltar que poucos estudos investigaram a violência sofrida e sua relação com características dos TP. Ainda são preponderantes os estudos com homens perpetradores, sendo negligenciados dados de violência sofrida e mais ainda aspectos interacionais. Mesmo em relação aos artigos publicados nos anos de 2013 e 2014, existe predomínio dos estudos realizados com homens perpetradores, embora se deva reconhecer que 21,4% dos estudos avançaram no sentido de investigar a perpetração em amostras de homens e mulheres.

Além disso, os estudos realizados por Maneta e colaboradores (2013) e Schmm e colaboradores (2011) merecem destaque por terem avançado metodologicamente através da utilização de análises sofisticadas como as técnicas diádicas e a modelagem de equações

estruturais, contribuindo com importantes resultados para reflexão dos processos diádicos nas situações de violência.

Apenas esses dois estudos investigaram aspectos interacionais na relação entre TP e violência conjugal, evidenciando que apesar de propostas atuais de compreensão dos aspectos relacionais nas situações de violência (Bouchard et. al., 2009; Langhinrichsen-Rohling, 2010), a tendência de investigação da temática continua semelhante às décadas anteriores, mesmo contando com maior sofisticação estatística.

Considerações Finais

A investigação dos transtornos da personalidade associados à violência conjugal visa identificar fatores de risco que contribuem para a ocorrência da violência e possui implicações no tratamento destes indivíduos. Diante dos resultados deste estudo, foi possível perceber que, embora se identifique alguns avanços em termos metodológicos, poucos estudos investigaram a temática em amostras mistas ou de casais. Ainda assim, os estudos que avançaram nesse sentido identificaram resultados que foram capazes de ampliar as possibilidades de compreensão do fenômeno.

Observou-se que poucos estudos avaliaram outros transtornos associados à violência conjugal, além daqueles tradicionalmente investigados, mas quando o fizeram identificam-nos nas amostras de agressores, apontando diversidade de perfis. Este dado acaba complexificando o fenômeno, pois dificulta tanto a identificação de um perfil específico de indivíduos envolvidos em relações violentas, quanto uma resposta à pergunta “o que leva o indivíduo a utilizar a agressão contra o parceiro?”. No entanto, faz-se necessária a investigação desses outros transtornos a fim de compreender como ocorrem estas associações.

Sabe-se que mensurar transtornos da personalidade é, sem dúvida, um desafio por se tratar de um constructo complexo, que possui sobreposições e comorbidades. Muitas vezes é difícil distingui-los, conforme se observa nos estudos que demonstram dificuldades em diferenciar os transtornos da personalidade Borderline e Antissocial. Nesse sentido, a pesquisa da temática através das características dos transtornos da personalidade pode favorecer os procedimentos de investigação e mesmo de compreensão do fenômeno da violência. As características em si, mesmo sendo correspondentes a diferentes transtornos da personalidade, são mais específicas e melhor mensuradas.

Com relação aos países dos estudos apresentados, Estados Unidos foi o responsável pelo maior número de publicações, o que não é surpresa considerando se tratar de uma potência em termos de pesquisas científicas. Já Espanha, que foi o segundo país com mais publicações, possui justificativa para o seu destaque especificamente nesta temática, considerando que enfrenta graves problemas relacionados aos índices de violência conjugal do país (Vives-Cases, Álvarez-Dardet & Caballero, 2003). No entanto, chama a atenção que não tenha sido encontrado nenhum estudo brasileiro envolvendo a associação entre a violência conjugal e os transtornos da personalidade, enquanto internacionalmente este tema já vem sendo debatido há décadas, ocorrendo inclusive questionamentos para a mudança na compreensão do fenômeno. Considerando que se trata de um problema de impacto na saúde pública do país e que possui carências em termos de direcionamentos aos profissionais que atuam na área, esta é, sem dúvida, uma lacuna na literatura científica brasileira.

Cabe ressaltar que este estudo possui limitações, entre elas destaca-se o número restrito de bases de dados consultadas para a realização da pesquisa, bem como o foco dirigido prioritariamente à escolha da amostra e análise dos resultados. Sem dúvida, a discussão sobre os instrumentos utilizados e os procedimentos de análise dos dados possibilitaria uma visão ampliada sobre os resultados dos artigos investigados, no entanto

escolhas metodológicas foram necessárias para a realização deste estudo. Neste sentido, acredita-se que esta revisão contribui ao apresentar e discutir alguns dos parâmetros a serem considerados em pesquisas futuras com relação ao tema dos transtornos da personalidade associados à violência conjugal, principalmente para o campo científico brasileiro, que ainda se mostra tímido no estudo da temática.

Referências

- Askeland, I. W., Heir, T. (2014). Psychiatric disorders among men voluntarily in treatment for violent behaviour: a cross-sectional study. *BMJ Open*, 4, 1-5.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – IV*. Porto Alegre: ArtMed.
- Boira, S., & Jodrá, P. (2013). Tipología de hombres condenados por violencia de género en un contexto de intervención psicológica en la comunidad. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 45(2), 289-303.
- Bouchard, S., Sabourin, S., Lussier, Y., & Villeneuve, E. (2009). Relationship quality and stability in couples when one partner suffers from borderline personality disorder. *Journal Marital Family Therapy*, 35(4), 446-455.
- Buck, N.M.L, Leenaars, P.E.M, Emmelkamp, P.M.G, & Marle, van, H.J.C. (2014). Personality Traits are Related to Intimate Partner Violence Among Securely Attached Individuals. *Journal of Family Violence*, 29(3), 235–246.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2008). *Temático Prevenção de Violência e Cultura de Paz II*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 60 p.: il. (Painel de Indicadores do SUS,; n. 5), Brasília, Brasil.
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal Forensic. Leg. Med.*, 18(8), 355-359.

- Chérrez-Bermejo, C., & Alás-Brun, C. (2014). Consumo de sustancias y trastornos de salud mental en agresores de violencia de género ingresados en prisión. Un estudio descriptivo. *Rev Esp Sanid Penit* , 16, 29-37.
- Costa, D., & Babcock, J. C. (2008). Articulated Thoughts of Intimate Partner Abusive Men during Anger Arousal: Correlates with Personality Disorder Features. *Journal of Family Violence*, 23(6), 395–402.
- Corral, C., & Calvete, E. (2014). Early Maladaptive Schemas and Personality Disorder Traits in Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Spanish Journal of Psychology*, 17(1), 1–10.
- Ehrensaft, M. K., Cohen, P., & Johnson, J. G. (2006). Development of Personality Disorder Symptoms and the Risk for Partner Violence. *Journal of Abnormal Psychology*, 115(3), 474–483.
- Fehringer, J.A., & Hindin, M. J. (2009). Like Parent, Like Child: Intergenerational Transmission of Partner Violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health*, 44(4), 363-371.
- Fernández-Montalvo, J., & Echeburúa, E. (2008). Trastornos de personalidad y psicopatía en hombres condenados por violencia grave contra la pareja. *Psicothema*, 20(2), 193-198.
- Fowler, K. A., & Westen, D. (2011). Subtyping Male Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(4) 607-639.
- García-Jiménez, J. J., Godoy-Fernández, C., Llor-Esteban, L., & Ruiz-Hernández, J. A. (2014). Differential profile in partner aggressors: Prison vs. Mandatory community intervention programs. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context* , 6, 69-77.

- Gottman, J.M., Jacobson, N.S., Rushe, R.H., Shortt, J.W., Babcock, J.C, LaTaillade, J.J., & Waltz, J. (1995). The relationship between heart rate reactivity, emotionally aggressive behavior, and general violence in batterers. *Journal of Family Psychology*, 9(3), 227-248.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2003). Do Subtypes of Maritally Violent Men Continue to Differ Over Time? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(4), 728–740.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2000). Testing the Holtzworth-Munroe and Stuart (1994) Batterer Typology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(6), 1000-1019.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of Male Batterers: Three Subtypes and the Differences Among Them. *Psychological Bulletin*, 116(3), 476-497.
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence Against Women. *Journal of Marriage and the Family*, 57(2), 283-294.
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and Control: Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. *Violence Against Women*, 12(11), 1003-1018.
- Johnson, M. P. (2010). Langhinrichsen-Rolling's Confirmation of the Feminist Analysis of Intimate Partner Violence: Comment on "Controversies Involving Gender and Intimate Partner Violence in the United States". *Sex Roles*, 62, 212-219.
- Jose, A, O'Leary , K., D., Gomez, J. L. G., & Foran, H. M.(2014). Risk Factors for Men's Intimate Physical Aggression in Spain. *Journal of Family Violence*, 29, 287–297.
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2011). Differentiation among types of intimate partner violence: research update and implications for interventions. *Family Court Review*, 49(3), 476-499.

- Kivisto, A. J., Little, K. C., Moore, T. M., & Rhatigan, D. L. (2011). Antisociality and intimate partner violence: The facilitating role of shame. *Violence and Victims, 26*, 758-773.
- Kuijpers, K., Knaap, L. M., Winkel, F. W., Pemberton, A. & Baldry, A. C. (2010). Borderline Traits and Symptoms of Post-traumatic Stress in a Sample of Female Victims of Intimate Partner Violence. *Stress and Health, 27*(3), 206–215.
- Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies Involving Gender and Intimate Partner Violence in the United States. *Sex Roles, 62*(3-4), 179-193.
- Langhinrichsen-Rohling, J., Huss, M. T., Ramsey, S. (2000). The clinical utility of batterer typologies. *Journal of Family Violence, 15*(1), 37-53.
- Loinaz, I., Echeburúa, E., & Torrubia, R. (2010). Tipologías de agresores contra pareja en prisión. *Psicothema, 22*, 106-111.
- Loinaz, I., Ortiz-Tallo, M. & Ferragut, M. (2012). MCMI-III Grossman personality facets among partner-violent men in prison. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 12*, 389-404.
- Loinaz, I., Ortiz-Tallo, M., Sánchez, L.M. & Ferragut, M. (2011). Clasificación multiaxial de agresores de pareja en centros penitenciarios. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 11*, 249-268.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of Change in Physical Aggression and Marital Satisfaction. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 236–247.
- Liu, N., Zhang, Y., Brady, H. J., Cao, Y., He, Y., & Zhang, Y. (2012). Relation Between Childhood Maltreatment and Severe Intrafamilial Male-Perpetrated Physical Violence in Chinese Community: The Mediating Role of Borderline and Antisocial Personality Disorder Features. *Aggressive Behavior, 38*(1), 64-76.

- Maneta, E. K., Cohen, S., & Schulz, M. S. (2013). Two to Tango: A Dyadic Analysis of Links Between Borderline Personality Traits and Intimate Partner Violence. *Journal of Personality Disorders, 27*(2), 233-243.
- Mauricio, A. M., Tein, J. Y., & Lopez, F. G. (2007). Borderline and Antisocial Personality scores as mediators between attachment and intimate partner violence. *Violence and Victims, 22*(2), 139-157.
- Marshall, A.D., & Holtzworth-Munroe, A. (2010). Recognition of wives' emotional expressions: A mechanism in the relationship between psychopathology and intimate partner violence perpetration. *Journal of Family Psychology, 24*, 21-30.
- Mignone, T., Klostermann, K., & Chen, R. (2009). The Relationship Between Relapse to Alcohol and Relapse to Violence. *Journal of Family Violence, 24*, 497–505.
- Millon, T. (2011). *Disorders of Personality: Introducing a DSM/ICD Spectrum from Normal to Abnormal*. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S., & Ramnath, R. (2004). *Personality Disorders in Modern Life*. 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Monson, C. M., & Langhinrichsen-Rohling, J. (1998). Sexual and nonsexualmarital aggression: Legal considerations, epidemiology, and an integrated typology of perpetrators. *Aggression Violent Behavior, 3*(4), 369–389.
- Sarto, S. B., & Esteban, P. J. (2010). Psicopatología, características de la violencia y abandonos en programas para hombres violentos con la pareja: resultados en un dispositivo de intervención. *Psicothema, 22*(4), 593-599.
- Schumm, J. A. O'Farrell, T. J. Murphy, C. M. Murphy, M. Muchowski, P. (2011). Test of a conceptual model of partner aggression among women entering substance use disorder treatment. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs, 72*, 933-942.

- Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior, 16*(4), 279-288.
- Thornton, A. J., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2010). Adaptive and Maladaptive Personality Traits as Predictors of Violent and Nonviolent Offending Behavior in Men and Women. *Aggressive Behavior, 36*(3), 177-186.
- Thomas, M. D., Bennett, L. W., & Stoops, C. (2013). The treatment needs of substance abusing batterers: a comparison of men who batter their female partners. *Journal of Family Violence, 28*, 121-129.
- Pico-Alfonso, M. A., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2008). Personality Disorder Symptoms in Women as a Result of Chronic Intimate Male Partner Violence. *Journal Family Violence, 23*(7), 577-588.
- Reingle, J. M., Jennings, W., Connell, N. M., Businelle, M. S., & Chartier, K. (2014). On the Pervasiveness of Event-Specific Alcohol Use, General Substance Use, and Mental Health Problems as Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence, 29*(16), 1-20.
- Ross, J. (2011). Personality and situational correlates of self-reported reasons for intimate partner violence among women versus men referred for batterers' intervention. *Behavioral Sciences and the Law, 29*, 711-727.
- Ross, J. M., & Babcock, J. C. (2009). Proactive and Reactive Violence among Intimate Partner Violent Men Diagnosed with Antisocial and Borderline Personality Disorder. *Journal of Family Violence, 24*(8), 607-617.
- Ross, J. M., & Babcock, J. C. (2010). Gender and Intimate Partner Violence in the United States: Confronting the Controversies. *Sex Roles, 62*, 194-200.

- Vives-Cases C., Álvarez-Dardet C., Caballero P. (2003). Intimate partner violence Spain. *Gaceta Sanitaria*, 17(4), 268-274.
- Walsh, Z., O'connor, B. P., Shea, M. T., Swogger, M. T., Schonbrun, Y. C., & Stuart, G. L. (2010). Subtypes of Partner Violence Perpetrators Among Male and Female Psychiatric Patients. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(3), 563–574.
- Weinstein, Y., Oltmans, T. F., & Gleason, M. E. (2012). Borderline but Not Antisocial Personality Disorder Symptoms Are Related to Self-Reported Partner Aggression in Late Middle-Age. *Journal of Abnormal Psychology*, 121(3), 692–698.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of Violent Relationships, Psychological Distress, and Marital Satisfaction in a National Sample of Men and Women. *Sex Roles*, 52(11/12), 771-784.
- Whisman, M. A., & Schonbrun, Y. C. (2009). Social consequences of Borderline Personality disorder symptoms in a population-based survey: marital distress, marital violence, and marital disruption. *Journal of Personality Disorders*, 23(4), 410–415

Artigo II

Violência Conjugal: O poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade

RESUMO

Experiências na família de origem e características dos transtornos da personalidade são apontadas como fatores de risco para a violência conjugal. Este estudo tem como objetivo investigar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade para a violência conjugal, cometida e sofrida. A amostra foi constituída por 170 casais heterossexuais da região metropolitana de Porto Alegre. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: *Inventário Dimensional Clínico da Personalidade* (IDCP), *Family Background Questionnaire* e a *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). Foi realizada análise de regressão linear múltipla, através do método *stepwise*. Os resultados apontaram a Instabilidade de Humor e a Impulsividade como preditoras da violência cometida pelas mulheres; o Abuso Físico paterno e a Agressividade como preditores da violência cometida pelos homens; a Desconfiança e o Estilo de Decisão Materno como preditores da violência sofrida pelas mulheres; e o Abuso sexual, a Evitação Social e o Ajustamento Psicológico Paterno como preditores da violência sofrida pelos homens. Apenas características do indivíduo estiveram associadas à violência conjugal, nenhuma característica do parceiro apresentou correlação. Os dados do estudo possuem implicações para futuras pesquisas, sugerindo a existência de diferentes modelos explicativos da violência entre os sexos.

Palavras-chave: violência conjugal, transtornos da personalidade; família de origem; maus-tratos infantil.

ABSTRACT

Experiences in family of origin and personality disorders traits are identified as risk factors for intimate partner violence. This study aims to investigate the predictive power of the experiences in family of origin and pathological personality traits to intimate partner violence, committed and suffered. The sample consisted of 170 heterosexual couples in the metropolitan region of Porto Alegre. Participants responded to the following instruments: Dimensional Clinical Personality Inventory (IDCP), Family Background Questionnaire and the Revised Conflict Tactics Scale (CTS2). Multiple linear regression analysis was performed by the stepwise method. The results indicate the Instability of Humor and Impulsivity as predictors of violence committed by women; Paternal Physical Abuse and Aggression as predictors of violence committed by men; Distrust and Mother Decision Making Style as predictors of violence suffered by women; and Sexual Abuse, Social Avoidance and Father Psychological Adjustment as predictors of violence suffered by men. Only the individual characteristics were associated with intimate partner violence, no partner characteristic

correlated. Data from the study have implications for future research, suggesting the existence of different explanatory models of violence sexing both man and woman.

Keywords: intimate partner violence, personality disorders; family of origin; child maltreatment.

Introdução

A violência conjugal é um tema de preocupação social devido ao impacto que possui na saúde pública do Brasil e do mundo (Brasil, 2008; Vives, Cases, Álvarez, Dardet & Caballero, 2003). Com relação à perpetração da violência, estudos de meta-análise apontam a existência de simetria entre os sexos (Stith et. al., 2000; Straus, 2011), contrariando a perspectiva trazida por estudos feministas de que as mulheres sempre serão as principais vítimas (Johnson, 2006; Kelly & Johnson, 2008). Diante disso, a busca por outras variáveis que expliquem a ocorrência da violência conjugal é frequente na literatura.

Entre elas, as experiências adversas na família de origem são os fatores de risco mais comumente investigados (Fang & Corso, 2007; Fang & Corso, 2008; Fehringer & Hindin, 2009; Fergusson, 2011; Godbout, Dutton, Lussier, & Sabourin, 2009; Jaoko, 2010; Wareham, Boots, & Chavez, 2009; Yoshihma & Horrocks, 2010). De acordo com Stith e colaboradores (2000), testemunhar ou sofrer diretamente violência no ambiente familiar está associado a vivenciar violência conjugal na vida adulta, tanto como vítima quanto como agressor.

De forma geral, experiências adversas na infância incluem abuso físico, sexual, emocional, negligência (Brasil, 2011), abuso de substâncias psicoativas por parte dos pais (Fergusson et. al., 2008;), entre outros. Estas experiências costumam acontecer simultaneamente (Brasil, 2011), tornando ainda mais complexa a investigação. As experiências adversas na família de origem causam prejuízos para o desenvolvimento, conforme observado em estudos que apontaram para as anormalidades geradas em regiões cerebrais, como corpo caloso, neocórtex esquerdo, hipocampo e amígdala em indivíduos vítimas de situações traumáticas (Grassi-Oliveira, Ashy & Stein, 2008; Raine, 2013). Desta

forma, as consequências destas experiências são persistentes, tornando as experiências adversas na família de origem um grave problema de saúde pública.

Destas experiências, as de abuso são as mais investigadas. Alguns estudos investigam as experiências de abuso físico, sexual e emocional como uma única medida de experiências adversas na família de origem, identificando associação da variável com a perpetração da violência conjugal (Jin, Doukas, Beiting & Viksman, 2014; Mair, Cunradi & Todd, 2012; McKinnly, Caetano, Ramisetty-Mikler & Nelson, 2001; Roberts, Mclawghlin, Conron & Coenen, 2011). Outros estudos, que identificaram especificamente cada experiência indicaram associações mais específicas, porém controversas. Foram identificadas associações das experiências de abuso físico e sexual e o abuso de substâncias por parte dos pais com a perpetração da violência (Fergusson, et. al., 2008). No entanto, alguns autores identificaram o abuso físico como o principal preditor da perpetração da violência (Fergusson et. al., 2011), enquanto outros identificaram o abuso físico juntamente com a negligência (Fang & Corso, 2008) e, de forma divergente, o abuso sexual foi identificado em outro estudo com maior poder preditivo para a perpetração da violência (Fang e Corso, 2007). Considerando as associações com a vitimização da violência conjugal, se observa uma diversidade de resultados entre os estudos, como o uso de drogas e crimes praticados pelos pais (Fergusson et. al., 2008); ser vítima de abuso físico e sexual (Afifi et. al., 2009) e ser vítima de negligência e abuso físico (Widom, Czaja & Dutton, 2014).

As associações entre experiências adversas na família de origem e violência conjugal foram identificadas tanto em homens quanto em mulheres (Afifi, MacMillan, Cox. Asmundson, Stein E Sareen, 2009; Fergusson, Boden & Horwood, 2008; Hines, 2008; Makinnly, Caetano, Ramisetty-Mikler & Nelosn, 2009; White & Widom, 2003), mas o impacto das mesmas pode ser distinto entre os sexos. A meta-análise realizada por Stith e colaboradores (2000) identificou que, no caso dos homens, crescer em um ambiente violento

os torna mais propensos a perpetrarem violência do que as mulheres, enquanto que no caso delas, crescer em um ambiente violento as torna mais propensas a ser vítimas de violência no relacionamento. Estes resultados remetem a frequente discussão com relação aos papéis de gênero. No entanto, contrariando estes dados, estudo realizado por Fergusson e colaboradores (2008) identificou que as experiências adversas na família de origem tiveram poder explicativo maior para a violência sofrida pelos homens na idade adulta do que pelas mulheres. Além disso, estudo realizado na Índia, que avaliou tanto variáveis pessoais quanto do relacionamento, identificou o abuso na infância como o mais forte preditor da violência conjugal nos homens (Jin, Doukas, Beiting & Viksman, 2014). Estes dados sugerem que os homens podem sofrer maior impacto das experiências vivenciadas na família de origem, ou ainda que a relação destas experiências com a violência conjugal seja mais direta para eles. Este aspecto foi observado no estudo realizado por O'Leary, Slep & O'Leary (2007), que, através de modelagem de equações estruturais, identificou que as experiências de abuso na família de origem têm um caminho direto para a perpetração da violência pelos homens, enquanto que nas mulheres esta relação é indireta.

Considerando ainda diferenças entre os sexos, o estudo realizado por Laporte, Jiang, Pepler e Chamberland (2011), com adolescentes que estavam em um relacionamento, identificou que a perpetração da violência dos adolescentes do sexo masculino contra as parcerias foi explicada pela disciplina severa sofrida por parte dos pais, não das mães. Já nas adolescentes, a agressão foi explicada por sofrer disciplina severa tanto do pai quanto da mãe. Na mesma direção, o estudo realizado por Alexander, Moore e Alexander (1991) também com adolescentes identificou que o abuso físico severo do pai foi preditor da violência perpetrada pelos adolescentes do sexo masculino. Foram identificados poucos estudos na literatura que investigaram separadamente as experiências maternas das paternas, mas os

resultados identificados apontam que podem existir influência dos papéis de gênero, mas que precisam ser melhor investigados.

Observa-se na literatura que alguns estudos apresentam resultados divergentes e outros ainda necessitam de mais investigações para melhor compreensão de quais experiências especificamente estão mais relacionadas à violência conjugal. A comum sobreposição das experiências adversas vivenciadas na família de origem (Brasil, 2011) pode ser o principal empecilho destas investigações. Ainda assim, a existência da associação entre as experiências adversas na família de origem e a violência conjugal pode ser considerada consenso entre os estudos.

A relação entre estes constructos é apontada como um ciclo da violência e esta repetição do comportamento violento entre as gerações é compreendida principalmente através da perspectiva da aprendizagem social. A teoria da aprendizagem social compreende esta questão através da concepção de que ao crescer em um ambiente violento, o indivíduo aprende esta forma de comportamento através da observação e da experiência, passando a repetir o comportamento aprendido (Bandura, 1983; Bandura, Ross & Ross, 1963).

Ainda assim, os resultados das pesquisas evidenciam que possuir experiências adversas na família de origem não é um fator determinante para que o padrão se repita na vida adulta (Fang & Corso, 2007; Fang & Corso, 2008; Fehringer & Hindin, 2009; Fergusson, 2011; Godbout *et al.*, 2009; Jaoko, 2010; Wareham *et al.*, 2009; Yoshihima & Horrocks, 2010). Alguns estudos investigam variáveis que mediam esta relação, entre elas, as características dos transtornos da personalidade (Liu *et al.*, 2012; O'Leary, Slep & O'Leary, 2007), que são frequentemente investigadas como associadas à violência entre os casais (Costa & Babcock, 2008; Ehrensaft, Cohen, & Johnson, 2006; Fowler & Westen, 2011; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman & Stuart, 2003; Liu *et al.*, 2012; Maneta *et al.*, 2013; Thornton *et al.*, 2010). Salienta-se que são poucos os estudos que investigam os

transtornos da personalidade em si, de acordo com uma entrevista diagnóstica (Ross & Babcock, 2009), a maioria deles utiliza instrumentos que mensuram características de cada um dos transtornos da personalidade e, por isso, optam pelo termo características dos transtornos da personalidade. Neste estudo, quando forem apresentados os resultados, será utilizado o termo características patológicas da personalidade, em função do instrumento utilizado, mas serão realizadas as aproximações das mesmas com as características dos transtornos da personalidade.

Os transtornos da personalidade são caracterizados por um padrão global e rígido em pelo menos duas das quatro áreas apresentadas: 1) afeto; 2) cognição; 3) padrão de relacionamentos interpessoais; e 4) controle de impulsos. Estas características implicam em sofrimento e prejuízos clinicamente significativos ao indivíduo (APA, 2014). De acordo com o DSM-V, são dez os transtornos da personalidade, sendo eles definidos como Paranóide, Esquizóide, Esquizotípica, Borderline, Antissocial, Histriônica, Narcisista, Dependente, Obsessivo-Compulsiva e Esquiva (APA, 2014).

De acordo com a teoria de Millon, a personalidade é compreendida como patológica quando o indivíduo possui estilos de respostas mal adaptativas ao ambiente, entretanto, não existe um limite claro entre o que é saudável ou patológico, pois as características de personalidade se apresentam em um *continuum* (Millon, Grossman, Millon, Meagher & Ramnath, 2004). Nesta perspectiva, a definição da personalidade como patológica está mais relacionada à intensidade e à frequência com que as características ocorrem (APA, 2014) do que com a qualidade delas em si. Os Transtornos da Personalidade, de acordo com Millon (2011) possuem três importantes características: um repertório de estratégias limitado e rígido para se relacionar com os outros e lidar com o estresse (inflexibilidade adaptativa); percepções, necessidades e comportamentos que perpetuam e intensificam as dificuldades já enfrentadas

pelo indivíduo (círculos viciosos); e uma baixa capacidade de resiliência diante de situações de estresse (estabilidade tênue).

Diante destas características é possível compreender a associação destes transtornos à violência conjugal. As características de personalidade Borderline e Antisocial são as que aparecem com maior frequência na literatura (Costa & Babcock, 2008; Fowler & Westen, 2011; Holtzworth-Munroe, Meehan, Herron, Rehman & Stuart, 2003; Liu *et al.*, 2012; Maneta *et al.*, 2013; Pico-Alfonso, Echeburúa & Martinez, 2008; Ross & Babcock, 2009; Walsh *et al.*, 2010; Weinstein, Oltmans & Gleason, 2012), e também são observadas compondo tipologias dos agressores conjugais.

Considera-se que, a partir da compreensão de quais transtornos estão associados à perpetração da violência, pode-se formular tipologias e, conseqüentemente, compreender como e porque se utiliza a violência contra o parceiro (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994). Agressores conjugais diferenciam-se de outros agressores por serem fortemente caracterizados pelo uso de agressão reativa e por possuírem déficits no processamento de informações emocionais (Raine, 2013). O estudo de Ross e Babcock (2009), realizado nos Estados Unidos com homens agressores de violência conjugal, obteve resultados que evidenciam que os agressores diagnosticados com transtorno da personalidade Borderline utilizavam a violência de forma impulsiva em resposta a algum tipo de provocação, na presença da raiva. No entanto, o grupo dos diagnosticados com transtorno da personalidade Antissocial utilizava a violência tanto de forma reativa, por impulsividade, quanto proativa, sem a presença da raiva ou de provocação.

Ainda que as características dos transtornos da personalidade Borderline e Antisocial sejam os que aparecem com maior frequência como associados à violência entre os casais, é importante considerar que a maioria das pesquisas utilizou instrumentos para medir apenas estas duas características de personalidade (Fowler & Westen, 2011; Holtzworth-Munroe *et*

al., 2000; Holtzworth-Munroe et al., 2003; Liu et al., 2012; Ross & Babcock, 2009; Walsh et al., 2010; Weinstein *et al.*, 2012). Salienta-se que estes transtornos possuem características comuns, como a agressividade e a impulsividade, que estão diretamente relacionadas aos atos de violência (Liu *et al.*, 2012). Mas vale ressaltar que estes transtornos da personalidade, que fazem parte do agrupamento B (APA, 2014), não são os únicos associados a estas situações. O agrupamento A, composto pelos transtornos da personalidade Esquizóide, Esquizotípica e Paranóide (Thornton, *et al.*, 2010; Ehrensaft *et al.*, 2006) e o transtorno da personalidade obsessivo-compulsiva, do agrupamento C (Fernández-Montalvo & Echeburúa, 2008) também foram identificados como associados à violência conjugal, ainda que o transtorno deste último agrupamento tenha apresentado controvérsias entre os estudos, tendo também sido identificado como protetivo em relação a estas situações (Thornton, *et al.*, 2010; Ehrensaft *et al.*, 2006).

Ainda que poucos estudos tenham investigado características dos transtornos da personalidade associadas à violência sofrida, quando o fizeram, identificaram associações, conforme observado nos transtornos do agrupamento A (Pico-Afonso et al., 2008) e nos transtornos da personalidade Borderline e Antissocial (Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry, 2010; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010). Estes resultados evidenciam a relevância desta investigação e a necessidade de considerar e investigar, não apenas características do agrupamento B, mas também dos agrupamentos A e C em sua relação com a violência nos relacionamentos, afinal os fatores precipitantes do comportamento violento devem ser distintos entre os diferentes transtornos (Babcock, Costa, Green & Eckhardt, 2004; Ross e Babcock, 2009). Além disso, alguns autores também apontam a possibilidade de associação entre violência conjugal praticada e sofrida, sugerindo aspectos interacionais (Fergusson et al., 2008).

Atualmente, alguns estudos têm valorizado a investigação da díade esposa-marido nas situações de violência conjugal (Bouchard, Sabourin, Lussier & Villeneuve, 2009; Langhinrichsen-Rohling, 2010; Maneta et al., 2013) afinal, pessoas envolvidas em relacionamentos diádicos podem influenciar os pensamentos, emoções e comportamentos uma da outra, mecanismo chamado de efeito parceiro (Kenny, Kashy & Cook, 2006). Nesta perspectiva, comportamentos do indivíduo podem sofrer a influência de suas próprias características, efeito ator, assim como do efeito parceiro. Estes efeitos foram observados no estudo realizado por Maneta e colaboradores (2013), em que a violência perpetrada pelo indivíduo também estiveram associadas às características de personalidade do parceiro.

Considerando as evidências de que a violência conjugal pode ocorrer também através de aspectos interacionais da díade (Maneta et al., 2013; Falcke & Wagner, 2011; Straus, 2011), torna-se essencial que a violência seja investigada através de medidas que considerem tanto a violência praticada quanto a sofrida, em uma mesma amostra, conforme proposto por Straus (1996). Mais do que isso, investigar a violência em casais, considerando a interação que há entre os cônjuges, é fundamental para compreender este fenômeno tão complexo.

Diante disso, surge a perspectiva de que a violência praticada ou sofrida sofra a influência tanto de variáveis do indivíduo quanto do parceiro, favorecendo a eclosão da violência no relacionamento. A partir dos aspectos abordados, que apontam para a violência conjugal como um fenômeno complexo e multideterminado, o presente estudo se propõe a investigar o poder preditivo das experiências na família de origem e das características patológicas da personalidade das esposas e dos maridos para a ocorrência de violência conjugal, praticada e sofrida por cada um dos sexos. As análises serão realizadas de acordo com as seguintes hipóteses:

- 1) Não haverá diferença estatisticamente significativa na frequência de violência cometida e sofrida entre os sexos;

- 2) As experiências na família de origem de abuso físico e sexual e as características agressividade, impulsividade e instabilidade de humor, bem como desconfiança, excentricidade e desapego, contribuirão para a ocorrência de violência conjugal;
- 3) As características patológicas da personalidade do parceiro serão preditoras da violência cometida pelos indivíduos.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo, com delineamento explicativo e corte transversal.

Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 170 casais heterossexuais, residentes da região metropolitana de Porto Alegre com idade entre 19 e 81 anos ($m=40,61$; $dp=12,74$). O tempo de relacionamento variou entre seis meses e 56 anos ($m=15,18$; $dp=11,82$). Para participar do estudo os casais deveriam estar em um relacionamento amoroso e em coabitação com o parceiro. Como critérios de exclusão, definiu-se: casais que coabitavam há menos de seis meses e indivíduos que não possuíam escolaridade para compreender e preencher os instrumentos, que eram autoaplicáveis. A caracterização da amostra está apresentada na tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização da amostra

Variáveis		%
Situação conjugal	Casados oficialmente	60,9%
	Morando juntos	39,1%
Coabitação anterior	Sim	19,0%

	Não	81,0%
Filhos	Sim	68,2%
	Não	31,8%
Exercício de atividade remunerada	Sim	86,0%
	Não	14,0%
Escolaridade	Sem instrução	0,60%
	Ensino Fundamental	9,10%
	Ensino Médio	50,80%
	Ensino Superior	39,50%
Religião		

Instrumentos

O questionário esteve composto pelos seguintes instrumentos (em anexo):

Questionário de Dados Sócio-demográficos: com 23 questões que investigaram dados como idade, nível de escolaridade, ocupação, renda, tempo de relacionamento, entre outros.

Subescalas do Family Background Questionnaire (FBQ): O FBQ (Melchert, 1998a; 98b) é um instrumento que contém 179 itens, a serem respondidos em escala Likert de cinco pontos. Possui 15 subescalas que se referem às recordações do sujeito com relação às experiências vivenciadas na família de origem. Para este estudo foram utilizadas as subescalas de negligência física materno e paterno, abuso físico materno e paterno, abuso sexual, abuso de substâncias materno e paterno, ajustamento psicológico dos pais e estilo de decisão materno e paterno. A escala de *negligência física* refere-se à falta de cuidado com alimentação, vestuário e saúde; o *abuso físico* refere-se à violência física sofrida por parte de um dos pais; o *abuso sexual* inclui contato sexual indesejado ou forçado com familiares ou outras pessoas; o *abuso de substâncias* está associado ao abuso de álcool e outras drogas por parte dos pais; o *ajustamento psicológico dos pais* refere-se à existência ou não de transtornos mentais ou problemas emocionais; e o *estilo de decisão* está relacionado à coerência da postura dos pais

com os filhos, implicando em decisões claras, razoáveis, flexíveis e justas, estando também associado a um ambiente de segurança, confiança e estabilidade. O instrumento foi traduzido para o português por Falcke (2003) e obteve bons índices de confiabilidade – 0.9902 para a escala total e entre 0.40 e 0.95 para as subescalas. No presente estudo, os Alfas de Cronbach obtidos para cada subescala foram os seguintes: negligência física (0,616); abuso físico paterno (0,848); abuso físico materno (0,781); abuso sexual (0,307); abuso de substâncias paterno (0,939); abuso de substâncias materno (0,875); ajustamento psicológico paterno (0,589); ajustamento psicológico materno (0,514); estilo de decisão paterno (0,811); estilo de decisão materno (0,798).

Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – IDCP (Carvalho, 2011): avalia características patológicas da personalidade. Os sintomas do eixo II do DSM-IV e a teoria da personalidade de Millon sustentam o instrumento, composto por 215 itens, que devem ser respondidos em uma escala Likert de quatro pontos. Os itens do IDCP compõem 12 fatores, que correspondem a características da personalidade e podem ser indicadores de transtornos da personalidade. O fator *Dependência* refere-se a indivíduos com crenças de incapacidade e dificuldade de confiar em si mesmo, com dificuldades para tomar decisões. O fator *Agressividade* refere-se a indivíduos que desconsideram o outro para conseguir o que desejam, são inconsequentes e geralmente violentos. *Instabilidade de Humor* diz respeito à tendência ao humor triste ou irritável, oscilação no humor e nas crenças, com reações impulsivas e extremas que podem gerar culpa. *Excentricidade* inclui ausência de prazer em estar com os outros, desconfiança, crenças de que e diferente e comportamentos excêntricos. O fator *Necessidade de Atenção* inclui itens sobre uma necessidade exagerada de obter a atenção dos outros, fazendo uso de sedução, reações exageradas e busca intensa por amizades. *Desconfiança* é o fator que apresenta características relacionadas a uma incapacidade persistente de confiar nos outros, apresentando preferência por aquilo que é conhecido,

rigidez nos relacionamentos e persecutoriedade. *Grandiosidade* refere-se à necessidade exagerada de reconhecimento e admiração dos outros, com crenças de merecimento e superioridade. O fator *Desapego* apresenta itens sobre diminuição do prazer em relacionamentos, evitação do convívio social e preferência por estar sozinho. *Evitação Social* é o fator que agrupa itens sobre crença de incapacidade e que, por isso, será criticado e humilhado pelos outros. O fator *Autossacrifício* refere-se a exagerada desconsideração do eu e consideração do outro, com comportamentos de ajudar e fazer sacrifícios pelo outro, trazendo prejuízos ao indivíduo. *Conscienciosidade* agrupa itens sobre necessidade de organização, com responsabilidade e foco nas obrigações, apresentando preocupação excessiva, perfeccionismo, regras rígidas nos relacionamentos. O último fator, *Impulsividade*, inclui reações de impulsividade e inconsequência, gosto por atividades violentas, facilidade para inventar desculpas e envolvimento em problemas. No presente estudo, os Alfas de Cronbach obtidos para cada subescala foram os seguintes: Dependência (0,857); Agressividade (0,878); Instabilidade de Humor (0,920); Excentricidade (0,862); Necessidade de Atenção (0,810); Desconfiança (0,818); Grandiosidade (0,771); Desapego (0,796); Evitação Social (0,783); Conscienciosidade (0,684); e Impulsividade (0,675).

Ao longo do artigo serão referidas relações entre as características patológicas da personalidade do IDCP com as características dos transtornos da personalidade, conforme referido por outros estudos. No entanto é importante ressaltar que estes fatores não possuem características representantes de um único transtorno da personalidade, mas podem estar mais relacionados a um ou outro.

Revised Conflict Tactics Scales - CTS2 (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996, traduzida para o português por Moraes, Hasselmann, & Reichenheim, 2002): É composta por 78 itens, a serem respondidos em uma escala Likert. Avalia as dimensões de coerção sexual menor e grave, violência física menor e grave, lesão corporal menor e grave, agressão

psicológica menor e grave e negociação. As afirmativas compreendem as ações da violência cometidas pelo respondente e sua percepção das ações do companheiro. Para este estudo serão utilizadas as dimensões de violência física menor e grave, como uma medida global de violência. Neste estudo, o Alpha de Cronbach obtido para a medida global de violência física cometida foi de 0,997 e para a medida global de violência física sofrida foi de 0,998.

Procedimentos de coleta de dados

Os casais foram selecionados por conveniência e responderam ao questionário em sua residência. Inicialmente foi realizado contato telefônico para agendar o dia e horário da aplicação do questionário, de acordo com a disponibilidade dos participantes. O questionário foi respondido na presença da pesquisadora ou de um bolsista de iniciação científica e o tempo de aplicação durou entre 60 e 90 minutos, tendo sido preenchido em apenas um encontro.

Considerações éticas

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior, intitulado “Variáveis Preditoras da Violência Conjugal: Experiências na família de origem, características pessoais e relacionais”, que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) sob o parecer número 09/117. Nesse sentido, seguiu as recomendações éticas, de acordo com as orientações das Resoluções 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e 026/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a utilização de seus dados na pesquisa. Foram informados quanto ao sigilo de sua identificação e sobre a possibilidade de desistirem de participar a qualquer momento, sem prejuízos. Os participantes

que apresentaram níveis de violência conjugal foram encaminhados para a clínica-escola da Universidade.

Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS (versão 20.0). Inicialmente foram realizadas análises descritivas das dimensões de violência física da CTS2, cometida e sofrida pelos homens e pelas mulheres. As dimensões de violência física menor e grave foram transformadas em uma única medida de violência.

Com relação ao instrumento IDCP, foram aplicadas três diferentes versões do mesmo, de modo que os participantes do estudo responderam à versão completa (n=146) ou às versões reduzidas, A (n=122) e B (n=72), do instrumento. Para possibilitar ter dados da forma completa para todos os participantes, inicialmente os dados foram rodados no Winsteps, que se baseia no modelo de Rasch da Teoria de Resposta ao Item (TRI). Desta forma, os índices de dificuldade (*b*) dos itens foram fixados com base nos dados obtidos a partir do grupo normativo. Os dados foram rodados separadamente por fator, obtendo-se os *thetas* (nível de traço latente) para cada participante em todas as dimensões. Desta forma, todas as análises que incluíram o IDCP foram realizadas a partir dos valores dos *thetas*.

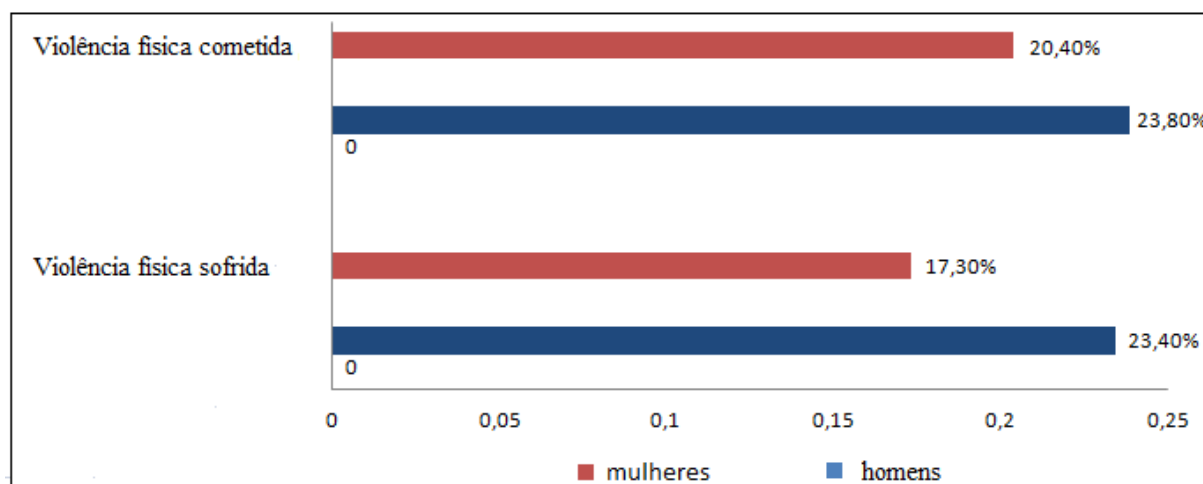
A etapa seguinte consistiu na análise de correlação de *Pearson* entre os fatores do IDCP e as subescalas do FBQ com as dimensões de violência física (cometida e sofrida) da CTS2. Foram rodadas separadamente as análises para os homens e as mulheres. Posteriormente o banco de dados foi reestruturado de forma pareada, a fim de investigar associação entre os fatores do IDCP e as subescalas do FBQ das esposas com as dimensões de violência da CTS2 dos maridos, e vice-versa.

A partir dos resultados identificados nas análises de correlação, foram selecionadas as variáveis para a realização das análises de regressão linear múltipla. Deste modo, apenas aquelas que apresentaram associação significativa com as dimensões de violência física (cometida e sofrida) dos homens e das mulheres, foram inseridas como variáveis independentes nos modelos. O método escolhido para a análise de regressão foi o *stepwise*, que é um procedimento que ajusta o modelo realizando a inserção de variáveis significativas e a retirada de variáveis que não são significativas (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009).

Resultados

Através de análises descritivas foram identificadas as frequências das dimensões de violência física cometida e sofrida pelos homens e pelas mulheres. Os resultados estão apresentados na figura 1. De acordo com os dados, não houve diferença estatística significativa entre os sexos nas dimensões da CTS2 ($\chi^2=1,859$; $gl=1$; $p=0,173$).

Figura 1 – Frequências de violência física cometida e sofrida pelos homens e pelas mulheres



Por meio de análise de correlação de *Pearson*, foram identificadas associações entre violência física (cometida e sofrida), características patológicas da personalidade e

experiências na família de origem. As análises foram rodadas separadamente para os homens e as mulheres. Nas tabelas 2, 3, 4 e 5 apresentam-se as correlações.

Tabela 2 - *Matriz de correlação de Pearson entre violência física cometida e sofrida pelas mulheres e os fatores de personalidade do IDCP*

	Violência Física Cometida	Violência Física Sofrida
Dependência	0,092	0,069
Agressividade	0,194*	0,203**
Instabilidade de Humor	0,244**	0,232**
Excentricidade	0,212*	0,223**
Necessidade de Atenção	0,061	0,117
Desconfiança	0,243**	0,304**
Grandiosidade	0,221**	0,207**
Desapego	0,151	0,266**
Evitação Social	0,104	0,110
Autossacrifício	0,034	0,094
Conscienciosidade	0,037	0,084
Impulsividade	0,210**	0,246**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,001$

As características patológicas da personalidade que se associaram à violência cometida foram semelhantes às que se associaram à violência sofrida, conforme se observa na tabela 2. A única diferença foi com relação ao fator desapego, que se mostrou associado apenas à violência física sofrida ($r=0,266$; $p < 0,01$).

Tabela 3 - *Matriz de correlação de Pearson entre violência física cometida e sofrida pelas mulheres e as subescalas do FBQ*

	Violência Física Cometida	Violência Física Sofrida
Abuso físico paterno	0,119	-0,025
Abuso físico materno	0,191*	-0,138
Abuso sexual	0,264**	0,174*
Negligência física	0,074	0,043
Estilo de decisão paterno	-0,034	-0,156
Estilo de decisão materno	-0,098	-0,227**
Abuso de substâncias paterno	0,028	0,078
Abuso de substâncias materno	0,220*	-0,128

Ajustamento psicológico paterno	-0,116	-0,079
Ajustamento psicológico materno	-0,199*	-0,263**
Aliança parental	-0,151	-0,11

* p<0,05; ** p<0,001

Conforme se observa na tabela 3, com relação às associações das experiências na família de origem às dimensões de violência das mulheres, houve diferenças entre as variáveis associadas à violência cometida e as variáveis associadas à sofrida. As experiências de abuso sexual e ajustamento psicológico materno se associaram a ambas as dimensões de violência. No entanto, as experiências de abuso físico materno e de abuso de substâncias materno se associaram exclusivamente a violência cometida pelas mulheres, enquanto a experiência estilo de decisão materno se associou apenas a violência sofrida pelas mesmas.

Tabela 4 - *Matriz de correlação de Pearson entre violência física cometida e sofrida pelos homens e os fatores de personalidade do IDCP*

	Violência Física Cometida	Violência Física Sofrida
Dependência	0,15	0,187*
Agressividade	0,264**	0,225**
Instabilidade de Humor	0,173*	0,188*
Excentricidade	0,174*	0,171*
Necessidade de Atenção	0,046	0,063
Desconfiança	0,074	0,117
Grandiosidade	0,179*	0,181*
Desapego	0,153	0,165*
Evitação Social	0,244**	0,265**
Autossacrifício	0,042	0,035
Conscienciosidade	0,019	0,006
Impulsividade	0,164*	0,136

* p<0,05; ** p<0,001

Assim como no caso das mulheres, as características patológicas da personalidade associadas à dimensão de violência cometida e as associadas à dimensão de violência sofrida pelos homens foram semelhantes. Identificou-se diferença apenas nos fatores dependência e

impulsividade, sendo que o fator dependência associou-se apenas a violência sofrida ($r=0,187$; $p<0,05$) e o fator impulsividade apenas à violência cometida ($r=0,164$; $p<0,05$).

Tabela 5 - *Matriz de correlação de Pearson entre violência física cometida e sofrida pelos homens e as subescalas do FBQ*

	Violência Física Cometida	Violência Física Sofrida
Abuso físico paterno	0,227**	-0,206*
Abuso físico materno	0,137	-0,101
Abuso sexual	0,170*	0,300**
Negligência física	0,175*	-0,006
Estilo de decisão paterno	-0,127	-0,064
Estilo de decisão materno	-0,133	0,015
Abuso de substâncias paterno	0,101	-0,075
Abuso de substâncias materno	0,028	-0,048
Ajustamento psicológico paterno	-0,294**	-0,291**
Ajustamento psicológico materno	-0,11	-0,065
Aliança parental	-0,081	-0,032

* $p<0,05$; ** $p<0,001$

As experiências na família de origem dos homens associadas às dimensões de violência cometida e sofrida foram bastante semelhantes. A única diferença se identifica na experiência de negligência física, que se associou apenas à violência cometida pelos homens ($r=0,175$; $p<0,05$).

Com o banco pareado, foram realizadas análises de correlação de *Pearson* entre as características patológicas da personalidade dos maridos e as dimensões de violência física das esposas; assim como entre as características patológicas da personalidade das esposas e as dimensões de violência física dos maridos. De acordo com os resultados, não foram identificadas associações significativas entre as variáveis ($p>0,05$).

Ainda com o banco de dados pareado, foram realizadas análises de correlação de *Pearson* entre as experiências na família de origem dos maridos e as dimensões de violência física das esposas; e entre as experiências na família de origem das esposas e as dimensões de

violência física dos maridos. A única associação significativa identificada ocorreu entre a experiência de abuso sexual dos maridos e a violência física cometida pelas mulheres ($r=0,168$; $p<0,05$). Não houve associação entre as subescalas do FBQ das esposas com as dimensões de violência física dos maridos ($p>0,05$).

Observa-se que todas as associações identificadas através da análise de correlação de *Pearson* foram fracas, mas são estatisticamente significativas e fornecem suporte para a realização das análises de regressão. O objetivo da realização da análise de regressão linear múltipla, através do método *stepwise*, foi avaliar o poder preditivo das características patológicas da personalidade e das experiências na família de origem sobre a violência física cometida e sofrida por homens e mulheres da amostra. Para tanto, foram inseridas na análise apenas as variáveis que apresentaram associação significativa com a violência física. Quatro análises independentes foram rodadas considerando os quatro diferentes desfechos: violência física cometida pelas mulheres; violência física cometida pelos homens; violência física sofrida pelas mulheres; e violência física sofrida pelos homens. Os resultados estão apresentados nas tabelas 6, 7, 8, 9.

Tabela 6 - *Preditores da violência física cometida pelas mulheres*

		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
		B	Std. Error	Beta	t	
Preditores						
Mod. 1	(constant)	13,532	0,283		47,875	0,000
	instabilidade de humor	0,692	0,184	0,382	3,765	0,000
Mod. 2	(constant)	14,255	0,439		32,437	0,000
	instabilidade de humor	0,532	0,195	0,293	2,719	0,008
	Impulsividade	0,391	0,185	0,228	2,119	0,037

R=0,436 R²=0,190 R² ajustado=0,170

Observa-se que as variáveis instabilidade de humor e impulsividade foram as preditoras no Modelo 2 (final) e explicaram juntas 19% da variância de violência física cometida pelas mulheres. A associação entre as variáveis independentes e a de critério do modelo é moderada ($R=0,43$). Os coeficientes padronizados da regressão indicam que a característica de personalidade instabilidade de humor ($\beta=0,293$; $p=0,008$) foi a variável preditora mais robusta do modelo. As características de personalidade instabilidade de humor e impulsividade estão positivamente associadas à violência física cometida pelas mulheres.

Tabela 7 - *Preditores da violência física cometida pelos homens*

		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
		B	Std. Error	Beta	t	Sig.
Preditores						
Mod. 1	(constant)	13,799	0,456		30,243	0,00
	abuso físico paterno	0,164	0,058	0,281	2,822	0,006
Mod. 2	(constant)	14,07	0,468		30,033	0,00
	abuso físico paterno	0,136	0,059	0,232	2,296	0,024
	Agressividade	0,26	0,129	0,204	2,022	0,046

$R=0,344$ $R^2=0,118$ R^2 ajustado=0,099

Com relação à violência física cometida pelos homens, as variáveis abuso físico paterno e agressividade foram preditoras do Modelo 2 (final), explicando 11,8% da variância. Os coeficientes padronizados da regressão indicam que o abuso físico paterno ($\beta=0,232$; $p=0,024$) é a variável mais robusta, seguida pela agressividade ($\beta=0,204$; $p=0,046$).

Tabela 8 - *Preditores da violência física sofrida pelas mulheres*

		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
		B	Std. Error	Beta	t	Sig.
Preditores						
Mod. 1	(constant)	13,17	0,205		64,16	0,00
	Desconfiança	0,486	0,116	0,351	4,188	0,00

	(constant)	14,727	0,555		26,534	0,00
Mod. 2	Desconfiança	0,447	0,113	0,322	3,945	0,00
	estilo de decisão mater.	-0,047	0,016	-0,246	-3,005	0,003

R=0,427 R²=0,183 R² ajustado=0,169

Os resultados apontam que as variáveis desconfiança e estilo de tomada de decisão materno são as preditoras do Modelo 2 (final), e explicam juntas 18,3% da variância de violência física sofrida pelas mulheres. Os coeficientes padronizados da regressão indicam que a característica de personalidade desconfiança ($\beta=322$; $p=0,000$) explica a maior parte do modelo, sendo complementada pela variável estilo de tomada de decisão materna ($\beta=-246$; $p=0,003$). A variável desconfiança está positivamente associada à violência física, enquanto a variável estilo de tomada de decisão materna é negativa, indicando que quanto mais alta a pontuação nesta escala, menos violência.

Tabela 9 - *Preditores da violência física sofrida pelos homens*

		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
		B	Std. Error	Beta	t	Sig.
Preditores						
Mod. 1	(constant)	44,591	16,093		-2,771	0,007
	abuso sexual	2,86	0,8	0,348	3,576	0,001
Mod. 2	(constant)	38,196	15,761		-2,423	0,017
	abuso sexual	2,622	0,779	0,319	3,364	0,001
	evitação social	0,628	0,234	0,255	2,687	0,009
Mod. 3	(constant)	27,337	16,432		-1,664	0,1
	abuso sexual	2,316	0,782	0,282	2,961	0,004
	evitação social	0,502	0,239	0,203	2,103	0,038
	ajustamento psic. Pater.	-0,119	0,059	-0,197	-2,001	0,048

R=0,468 R²=0,219 R² ajustado=0,193

Considerando-se a variável dependente violência física sofrida pelos homens, identifica-se que as variáveis abuso sexual, evitação social e ajustamento psicológico paterno são as preditoras do Modelo 3 (final), e explicam 21,9% da variância. Os coeficientes

padronizados da regressão indicam que o abuso sexual ($\beta=282$; $p=0,004$) é a variável mais robusta, seguida pela evitação social ($\beta=203$; $p=0,038$) e o ajustamento psicológico paterno ($\beta=-197$; $p=0,048$). As variáveis abuso sexual e evitação social estão positivamente associadas à violência física, enquanto a variável ajustamento psicológico paterno apresenta uma correlação negativa, mostrando-se protetiva em relação à ocorrência de violência.

Discussão

O objetivo deste estudo foi analisar o poder preditivo das características patológicas da personalidade e das experiências na família de origem para os quatro diferentes desfechos: violência física cometida pelas mulheres, violência física cometida pelos homens, violência física sofrida pelas mulheres e violência física sofrida pelos homens. Inicialmente foram realizadas análises descritivas dos dados de violência física. Neste estudo, os resultados apontaram que não houve diferença significativa entre homens e mulheres com relação a cometer ou sofrer violência física, evidenciando que nesta amostra a variável sexo não foi determinante para explicar o fenômeno, conforme observado em estudos anteriores (Stith et al., 2000; Straus, 2011). Este resultado confirma a hipótese 1 do estudo de que não haveria diferença entre os sexos nas dimensões de violência conjugal. A pergunta que continua sendo feita há décadas pelos pesquisadores sobre quem perpetra mais violência, gera inúmeras discussões na literatura. De um lado estão os pesquisadores feministas, que partem do pressuposto de violência unidirecional perpetrada pelos homens (Johnson, 2006; Kelly & Johnson, 2008), de outro lado os pesquisadores familiares, que consideram a perspectiva de violência bidirecional (Straus, 2011; Straus & Gozjolko, 2014). No entanto, assumir concepções opostas para explicar um fenômeno pode gerar mais controvérsias do que conclusões.

Fugindo da dicotomia, Langhinrichsen-Rohling (2010) traz uma proposta de compreensão da violência como um fenômeno heterogêneo, em que a violência pode ocorrer de forma uni ou bidirecional. Esta diversidade na manifestação da violência é certamente um desafio para os pesquisadores. Salienta-se que considerar a existência de simetria entre homens e mulheres na perpetração de violência física, não significa referir que o efeito da violência também é simétrico entre os sexos (Straus, 2011), afinal sabe-se que os danos gerados pela força física do homem podem ser maiores do que os gerados pelas mulheres. Entretanto, diante deste resultado de simetria entre os sexos na perpetração da violência, pode-se considerar que a variável sexo não determina sua ocorrência, de modo que se segue com a pergunta “quais fatores de risco contribuem para o comportamento violento contra o/a parceiro/a?”.

Neste estudo, as características de personalidade apresentaram-se associadas à violência conjugal. Diferentes características patológicas da personalidade associaram-se a perpetração de violência conjugal, conforme observado em estudos anteriores (Buck, Leenaars, Emmelkamp & Marle, 2014; Corral & Calvete, 2014; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2012; Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2010; Loinaz, Ortiz-Tallo & Ferragut, 2011; Loinaz, Echeburúa & Torrubia, 2010), tanto nos homens quanto nas mulheres. Observou-se que a maioria das características patológicas de personalidade associadas à violência cometida, também estiveram associadas à violência sofrida. Tais dados incitam, em um primeiro momento, o questionamento com relação à possibilidade de que possam existir aspectos interacionais entre os cônjuges, diante do fato de que características semelhantes são identificadas tanto na posição de vítima quanto de agressor.

Com relação às experiências na família de origem, identificaram-se diversas experiências associadas à violência cometida e sofrida tanto nos homens quanto nas mulheres, reforçando o que já é trazido pela literatura (Fergusson, Boden & Horwood, 2008; McKinney,

Caetano, Ramisetty-Mikler & Nelson, 2009; Roberts, Malawghlin, Conron & Koenen, 2011; Stith et. al., 2000; Widom, Czaja & Dutton, 2014; White & Widom, 2003). Destas experiências, observou-se que algumas delas se associaram tanto à violência cometida quanto a sofrida. No caso das mulheres, as experiências que se repetiram em ambas dimensões de violência foram abuso sexual e ajustamento psicológico materno; nos homens foram abuso físico paterno, abuso sexual e ajustamento psicológico paterno. Este aspecto foi identificado em estudo anterior (Fergusson, Boden & Horwood, 2008), que também justificou o achado referindo a forte correlação existente entre violência cometida e sofrida, inferindo sobre os processos interacionais da violência entre os cônjuges.

Foram poucas as diferenças identificadas entre homens e mulheres com relação ao tipo de experiências na família de origem associadas às dimensões de violência conjugal, contrariando estudo anterior (Fergusson et. al., 2008). No entanto, chama a atenção que, no caso das mulheres, algumas das variáveis da família de origem associadas à violência referiam-se exclusivamente às experiências maternas, enquanto que nos homens referiam-se exclusivamente às experiências paternas. Com relação às mulheres, este dado contraria o que é trazido pela literatura (Laport et. al., 2011), mas com relação aos homens, o impacto das experiências adversas paternas já era trazido por estudos anteriores (Laporte et. al., 2011; Alexander, Morre & Alexander, 1991). Investigações futuras com relação ao impacto das experiências paternas e maternas sobre os indivíduos se faz necessário para compreender os possíveis papéis de gênero na ocorrência destes comportamentos. Ainda assim, este aspecto é discutido através da teoria da aprendizagem social, que refere a influência do sexo do modelo como facilitador do processo de imitação dos comportamentos (Bandura, 1983; Bandura, Ross & Ross, 1963).

Os resultados deste estudo com relação às análises pareadas entre maridos e esposas contrariaram a hipótese 3 deste estudo, de que haveria associação entre a violência cometida

ou sofrida pelo sujeito e as características patológicas da personalidade do parceiro. Este resultado vai de encontro com as propostas de compreensão da díade marido-esposa nas situações de violência conjugal, no que se refere ao efeito parceiro sobre o comportamento do indivíduo (Kenny, Kashy & Cook, 2006; Maneta et. al., 2013). A hipótese deste estudo sustentava-se na ideia de que as características dos parceiros teriam influência sobre o comportamento do indivíduo, assim como suas próprias características. Desta forma, as consequências interacionais da díade acarretariam a violência conjugal. A hipótese do estudo não foi comprovada, de modo que nesta amostra, as características patológicas da personalidade do próprio indivíduo explicaram melhor a ocorrência de violência no relacionamento, independente das características do parceiro.

Conforme observado neste estudo, as análises bivariadas acabaram apresentando correlações entre diversas variáveis, pois é comum que delineamentos correlacionais exacerbem associações (Dancey & Reidy, 2006). Neste estudo, deve ser considerado que os constructos de características patológicas da personalidade e experiências na família de origem apresentam muitas sobreposições e comorbidades (APA, 2014; Brasil, 2011). Neste sentido, as análises multivariadas podem contribuir para se identificar associações mais específicas. Diante das análises de regressão linear múltipla, foi possível capturar as variáveis com poder explicativo maior para as dimensões de violência física nas mulheres e nos homens.

De acordo com os resultados, as características patológicas da personalidade identificadas como preditoras da perpetração de violência conjugal foram instabilidade de humor, agressividade e impulsividade. É importante lembrar que estes fatores não se configuram como transtornos da personalidade, pois não são representantes exatos de um único transtorno, mas cada um deles está mais relacionado a características de um ou outro transtorno da personalidade (Carvalho, 2011). Neste sentido, ao longo do artigo serão

apresentadas as relações entre as características patológicas da personalidade do IDCP e as características dos transtornos da personalidade investigadas por outros estudos.

Estes fatores do IDCP, instabilidade de humor, agressividade e impulsividade estão relacionadas às características dos transtornos da personalidade Borderline e Antissocial, que são frequentemente apontados como associados à violência conjugal (Fowler & Westen, 2011; Ross, 2011; Ross & Babcock, 2009; Whisman & Schonbrun, 2009). A característica de personalidade instabilidade de humor refere-se a indivíduos com tendência ao humor triste ou irritável, oscilações no humor e nas crenças, com reações impulsivas e extremas, sendo essas, características que se aproximam do transtorno da personalidade Borderline (Carvalho, 2011). O fator agressividade refere-se a indivíduos que desconsideram o outro para conseguirem o que desejam, que são incoerentes e geralmente violentos, enquanto o fator impulsividade refere-se a indivíduos que possuem reações impulsivas, gosto por atividades violentas, capacidade de inventar desculpas e envolvimento em problemas (Carvalho, 2011). Estes dois fatores apresentam características do transtorno da personalidade antissocial (APA, 2014).

A hipótese 2 deste estudo considerava que outras características patológicas da personalidade, mais correspondentes a outros transtornos da personalidade que não apenas o Borderline e o Antissocial, também poderiam aparecer como explicativas da perpetração da violência conjugal, mas esta suposição foi parcialmente confirmada. Diante disso, os resultados deste estudo corroboram o que é trazido pela maioria dos estudos sobre agressores conjugais (Askeland & Heir, 2014; Jose , O’Leary, Gomez & Foran, 2014; Liu, Zhang, Brady, Cao, He, & Zhang, 2012; Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2013; Mignone, Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier, 2014; Thomas, Bennett & Stoops, 2013; Weinstein, Gleason & Oltmanns, 2012). Além disso, a característica de personalidade que melhor explicou a perpetração da violência pelas mulheres, instabilidade de humor, está mais relacionada à personalidade Borderline e a que apareceu como preditora para os homens,

agressividade, está mais relacionada à personalidade Antissocial. Estes mesmos preditores para os homens e as mulheres também foram identificados no estudo realizado por Ross e Babcock (2009), com agressores conjugais. Na mesma direção, o estudo realizado por Weinstein, Oltmanns e Gleason (2012) identificou que as características do transtorno da personalidade Borderline nas mulheres possuíam maior força como preditoras de violência conjugal do que nos homens. Isto pode estar relacionado ao fato de que o transtorno é três vezes mais comum nas mulheres (APA, 2014).

Além destas, outras diferenças entre os sexos foram observadas. De forma oposta ao resultado encontrado para os homens, nenhuma experiência na família de origem esteve presente no modelo final da violência cometida pelas mulheres. Este dado pode sugerir que as experiências adversas na família de origem possuem menor impacto na conjugalidade das mulheres, indo ao encontro do que é trazido na literatura (Fergusson, et. al., 2008). Outra possibilidade seria considerar que a associação entre as experiências adversas na família de origem e a violência cometida pelas mulheres pode não ser direta, conforme o que foi referido em estudo realizado por O’Leary, Slep & O’Leary (2007). Os autores identificaram um caminho indireto entre experiências adversas na família de origem e a perpetração da violência pelas mulheres, através da técnica de modelagem de equações estruturais. Sabe-se que as experiências adversas na infância, vivenciadas no ambiente familiar, são consideradas algumas das variáveis etiológicas no desenvolvimento do transtorno da personalidade Borderline (Laporte, Paris, Guttman & Russell, 2011; Zhang et. al. 2013; Cohen, Tanis, Bhattacharjee, Nesci, Halmi & Galynker, 2014) e o fator instabilidade de humor apresenta características do mesmo. Desta forma, esta é uma hipótese consistente e vai ao encontro do estudo realizado por Liu e colaboradores (2012), que identificou características do TPB mediando parcialmente a relação entre experiências de abuso na infância e perpetração de violência conjugal.

Estes dados contribuem no debate sobre a perpetração de violência pelas mulheres. Frequentemente surge a questão: as mulheres perpetram violência contra o parceiro por autodefesa ou por aspectos psicopatológicos, como identificado nos homens (Ross e Babcock, 2010)? Neste estudo foi evidenciada a importância das características patológicas da personalidade como parte da explicação deste comportamento.

Com relação ao fator impulsividade, que também apareceu como preditor da violência cometida pelas mulheres, identifica-se que o mesmo possui características mais relacionadas ao transtorno da personalidade Antissocial (APA, 2015). Este foi um dado inesperado, considerando que as características do transtorno da personalidade Borderline são as mais associadas à violência perpetrada pelas mulheres (Ross & Babcock, 2009; Weinstein, Oltmanns & Gleason, 2012). Ainda assim, é importante considerar que este fator possuiu menor força do que a instabilidade de humor na predição da violência cometida por elas.

Neste estudo, a violência física cometida pelos homens foi explicada pelo abuso físico paterno e pela característica patológica da personalidade agressividade, sendo que a experiência de abuso foi a variável mais robusta. Resultado que confirma parcialmente a hipótese 2 deste estudo, que considerava o fator agressividade e o abuso físico como preditores. Este dado é coerente com a literatura que aponta as experiências de abuso na infância como preditoras da perpetração da violência conjugal pelos homens (Fang & Corso, 2007; Fang e Corso, 2008; Fergusson et. al., 2011), podendo explicar melhor este comportamento do que outras variáveis (Jin, Doukas, Beiting e Viksman, 2014). Tal resultado vai ao encontro de autores que apontam o abuso físico como principal preditor (Alexander, Moore & Alexander, 1991; Fergusson et. al., 2011) e contraria aqueles que referem o abuso sexual (Fang & Corso, 2007; Fang e Corso, 2008).

O que tem aparecido de forma mais frequente na literatura é o fato das experiências na família de origem possuírem maior impacto no comportamento dos homens do que das

mulheres (Fergusson, et. al., 2008). A relação entre estas variáveis é referida pela teoria da aprendizagem social que compreende esta questão através da repetição que a criança faz dos comportamentos de seus modelos (Bandura, 1983; Bandura, Ross & Ross, 1963), que no caso da violência, pode ser encarada como estratégia para resolução de problemas. Nesta perspectiva, o sexo do modelo contribui para a imitação, de forma que é relevante considerar as implicações dos papéis de gênero no desenvolvimento. Neste estudo, este aspecto foi observado através do impacto do abuso físico paterno para a violência cometida pelos homens, em conformidade com estudo anterior (Alexander, Moore & Alexander, 1991).

Apesar dos resultados deste estudo estar de acordo com a literatura com relação ao abuso na infância explicar melhor a perpetração da violência pelos homens, é intrigante que existam diferenças de impacto das variáveis entre os sexos. Por que os homens sofrem maior impacto destas experiências precoces do que as mulheres? Que aspectos relacionados ao sexo influenciam este resultado? Estas são perguntas que necessitam de investigações futuras no sentido de aprofundar a compreensão do fenômeno. De acordo com O'Leary, Slep & O'Leary (2007), a relação entre estas variáveis no caso dos homens possui um caminho direto, enquanto que nas mulheres o caminho é indireto. Mas de que forma ocorre este fenômeno? Como possível explicação para esta questão, Falcke (2003), em sua tese de doutorado, sugeriu que as mulheres tendem a avaliar suas experiências da infância, possibilitando que superem determinados aspectos, enquanto os homens não se envolvem tão frequentemente na reavaliação destas experiências. Sem dúvida estas diferenças entre os sexos desafiam uma perspectiva linear ou homogênea de concepção da violência conjugal.

Mesmo possuindo menor poder explicativo que a experiência na família de origem, a característica de personalidade agressividade compôs o modelo final da violência perpetrada pelos homens. O poder preditivo da característica de personalidade agressividade, que apresenta características da personalidade antissocial, já vinha sendo identificada na literatura

como associada à violência conjugal (Costa & Babcock, 2008; Holtzworth-Munroe et. al., 2000; Kivisto et. al., 2011; Ross & Babcock, 2009). Esta é uma das características relevantes do subtipo de agressor “geralmente violento”, identificado na tipologia de Holtzworth-Munroe e Stuart (1994).

As características patológicas da personalidade preditoras da perpetração da violência por cada um dos sexos são representantes de diferentes tipos de agressores conjugais, de acordo com o que é trazido pela literatura (Babcock, Costa, Green & Eckhardt, (2004; Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994; Ross e Babcock, 2009). Nesse sentido, é referido que os agressores com características do transtorno da personalidade Borderline costumam perpetrar a violência de forma reativa (Ross e Babcock, 2009), ou seja, diante de fortes emoções podem se tornar violentos (Fowler & Westen, 2011). Esse mecanismo ocorre em decorrência da desregulação emocional presente no transtorno (Linehan, 2010). Já os agressores com características do transtorno da personalidade antissocial são referidos por perpetrar a violência para dominar e controlar os parceiros, com maior hostilidade (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994). O estudo realizado por Babcock, Costa, Green & Eckhardt (2004) identificaram que os agressores com características Borderline tendiam a utilizar a violência em situações reais ou imaginárias de infidelidade, apresentando um ciúme excessivo; e os agressores com características Antissociais tendiam a utilizar a violência em diferentes situações, mas especialmente quando a parceira queria tomar suas próprias decisões ou quando iniciava ataques verbais. Na tipologia de agressores conjugais de Holtzworth-Munroe & Stuart (1994), o subtipo de agressor que apresenta características da personalidade Antissocial é identificado por perpetrar níveis mais severos de violência em comparação com os agressores com características da personalidade Borderline. Diante disso, seriam os homens perpetradores de níveis mais severos de violência do que as mulheres? Este aspecto já foi referido na literatura (Johnson, 2006), mas rebatido por um estudo de meta-análise (Straus,

2011). De qualquer forma, este é um aspecto relevante a ser considerado que pode ser investigado por estudos futuros.

Sem dúvida ainda existem muitas questões a serem respondidas com relação à associação das características patológicas da personalidade com a perpetração da violência conjugal. Whisman & Schonbrun (2009) sugerem a necessidade de investigar de forma bastante específica quais características da personalidade Borderline estão associadas à perpetração da violência conjugal. O mesmo pode ser sugerido para as características da personalidade Antissocial. Além disso, a investigação dos motivos do uso da violência associados às características patológicas da personalidade pode favorecer com melhores direcionamentos. Estes aspectos são de fundamental importância para o tratamento destes indivíduos. Ross (2011) salienta que os melhores programas de intervenção devem considerar o gênero, os diferentes transtornos da personalidade e as razões para a perpetração da violência.

Contribuindo com as análises sobre a violência cometida, foram realizadas análises para investigação da violência sofrida pelos homens e pelas mulheres, que é ainda pouco investigado na literatura. Nesta situação foi possível observar tanto experiências adversas na família de origem, quanto características patológicas da personalidade como preditoras da violência sofrida pelos homens e pelas mulheres. A variável mais robusta do modelo final das mulheres foi a personalidade e no modelo dos homens a experiência de abuso, de forma semelhante ao que foi identificado na perpetração da violência.

A característica patológica de personalidade desconfiança, juntamente com o estilo de decisão materno, explicaram juntos a violência sofrida pelas mulheres. O fator desconfiança foi apontado como possível preditor da violência na hipótese 2 deste estudo, sendo esta uma confirmação parcial do que foi sugerido. Este fator refere-se a indivíduos que possuem uma incapacidade persistente de confiar em outras pessoas por receio de suas intenções,

apresentando persecutoriedade (Carvalho, 2011). Apesar de ser uma característica presente em diferentes transtornos da personalidade, pode ser mais relacionado às características da personalidade paranoide. Considerando a desconfiança associada às características paranoides, este resultado vai ao encontro do estudo realizado por Pico-Alfonso, Echeburúa e Martinez (2008) com mulheres vítimas de violência conjugal, que identificaram altos escores nesta escala.

Salienta-se que poucos são os estudos que investigam características dos transtornos da personalidade associadas à violência sofrida (Kuijpers, Knaap, Winkel, Pemberton & Baldry, 2010; Maneta, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2013; Reingle, Jennings, Connell, Businelle, & Chartier, 2014; Walsh, Swogger, O'Connor, Schonbrun, Shea & Stuart, 2010) e apenas um estudo foi identificado na investigação de outras características da personalidade além da Borderline e Antissocial (Pico-Alfonso, Echeburúa & Martinez, 2008). Neste sentido este é um resultado que necessita ser melhor compreendido. Entretanto, é possível considerar que atitudes de desconfiança possam impactar o relacionamento conjugal, principalmente se estas atitudes forem dirigidas ao cônjuge. A confiança é apontada por alguns autores como importante variável para a comunicação positiva entre os casais (Rempel, Ross & Holmes, 2001) de modo que, como hipótese, pode-se considerar que indivíduos com característica de desconfiança possam influenciar os comportamentos violentos no cônjuge através do chamado efeito parceiro.

Considerando ainda o modelo de violência sofrida pelas mulheres, aliado ao fator desconfiança está o estilo de decisão materno, que apresentou associação negativa com a violência sofrida. Esta dimensão da família de origem refere-se à coerência das atitudes dos pais com seus filhos, que contribuem com um ambiente de segurança confiança e estabilidade, além de escuta compreensiva (Melchert, 1998). Desta forma, esta experiência pode ser considerada um fator de proteção para a ocorrência de violência sofrida pelas

mulheres, indicando que as primeiras relações, quando fornecem segurança e validação, contribuem com o estabelecimento de relacionamentos mais saudáveis. Este aspecto foi identificado no estudo realizado por Treboux, Crowell e Waters (2004) que identificaram que indivíduos com apego seguro possuíam melhor qualidade nos relacionamentos amorosos, com menores níveis de conflito.

Considerando o modelo de violência sofrida pelos homens, observa-se que a experiência de abuso sexual na infância foi a de maior impacto. Este resultado está de acordo com o estudo realizado por Afifi e colaboradores (2009) que identificou a experiência de abuso sexual associada ao aumento da probabilidade dos homens serem vítimas de violência conjugal. Contrariando esta ideia, outros autores identificaram esta experiência como preditora da violência cometida por eles contra suas parceiras (Fang & Corso, 2007; Fang e Corso, 2008). Diante disso, será realmente possível chegar a respostas conclusivas? Estar atento ao impacto que estas experiências provocam, principalmente nos homens, é fundamental no sentido de abordar estes aspectos nos tratamentos de vítimas de abuso na infância assim como de agressores conjugais. Aliado a este dado, o ajustamento psicológico paterno mostrou-se um fator protetivo das situações de violência, evidenciando que a estabilidade emocional do cuidador contribui com o desenvolvimento saudável. Assim como no modelo da violência sofrida pelas mulheres, observa-se a importância do sexo do modelo para os comportamentos dos indivíduos.

Com relação à característica de personalidade observada nos homens vítimas de violência, foi identificada a característica de evitação social. Esta é uma característica que está associada às características dos transtornos da personalidade esquiva, esquizoide e esquizotípica, mas em especial a primeira (Carvalho, 2011). Suas características incluem crenças generalizadas de incapacidade e medo de ser criticado ou humilhado (Carvalho, 2011). Este aspecto também foi observado no estudo de Pico-Alfonso, Echeburúa e Martinez

(2008), que identificou altas pontuações nas escalas das características de personalidade esquiva em vítimas de violência conjugal. Entretanto, este foi um estudo realizado apenas com mulheres. Ainda assim, é possível supor que esta característica patológica da personalidade torne o indivíduo vulnerável aos comportamentos agressivos da parceira. Considerando que, diante do medo de ser criticado e das crenças de incapacidade, possa ser ativado um comportamento de esquiva das situações de conflitos, a cônjuge pode interpretar tal atitude como hostil ou como um desinteresse em engajar-se na resolução de conflitos conjugais. No entanto esta é ainda uma ideia inicial que necessita ser melhor investigada por estudos futuros.

Considerações Finais

Este estudo possui implicações no debate desta temática. Em termos metodológicos, a escolha de uma amostra mista contribuiu no sentido de ampliar a compreensão do fenômeno, partindo-se do pressuposto de que a violência conjugal pode ser cometida ou sofrida por homens e mulheres. Para contemplar uma amostra mista nesta investigação, o estudo dirigiu-se a população geral. Além disso, tratava-se de uma amostra de casais, pois foi investigada associação entre as características patológicas da personalidade do parceiro e a violência cometida pelo indivíduo. A ausência de associação entre estas variáveis apontou que as características de personalidade do próprio indivíduo explicaram melhor a ocorrência de violência conjugal. Tal resultado contraria a proposta inicial deste estudo com relação às possíveis interações entre as características de personalidade dos parceiros, no entanto fornece suporte para possíveis intervenções de modo que indivíduos envolvidos em relacionamentos violentos podem se beneficiar de programas de intervenção, mesmo que não incluam os cônjuges.

A opção de investigar apenas a dimensão de violência física ocorreu justamente por este ser o subtipo de violência observável e o mais debatido pelos pesquisadores. Ainda assim, as análises foram rodadas separadamente para homens e mulheres, pois ampliar o método de investigação não significa desconsiderar as diferenças de gênero, que foram inclusive identificadas neste estudo. Enquanto as mulheres sofreram maior impacto das características patológicas da personalidade na explicação da violência, os homens sofreram maior influência das experiências na família de origem. Estes dados levantam uma importante questão a ser investigada e salientam a necessidade de observar a violência como um fenômeno heterogêneo. Considerando que são poucos os estudos que investigam características patológicas da personalidade associadas à violência sofrida, este estudo fornece suporte para futuras investigações, através de resultados e hipóteses que necessitam de mais investigações.

Os resultados deste estudo incitam a sugestão de diferentes modelos da violência conjugal para os homens e as mulheres, de modo que, através da técnica de modelagem de equações estruturais é possível testá-los, considerando características da personalidade Borderline como preditoras no modelo das mulheres e características da personalidade Antissocial como preditoras no modelo dos homens. Além disso, é possível testar de que forma as experiências na família de origem explicam a violência conjugal nos homens e nas mulheres, supondo a existência de um caminho direto para eles e indireto para elas.

Diante destas diferenças entre os agressores e vítimas de violência conjugal, é possível apontar à necessidade de programas de intervenção que considerem estes aspectos, afinal as respostas dos mesmos serão distintas de acordo com suas características. Nesse sentido, salienta-se a importância do desenvolvimento de tratamentos adequados às necessidades dos envolvidos, considerando as características patológicas da personalidade e os comportamentos aprendidos na família de origem. Ainda que intervenções distintas possam ser necessárias, de

forma geral, pode-se considerar relevante que estes programas incluam estratégias de regulação emocional, buscando alternativas para lidar com as emoções intensas.

Este estudo possui limitações, entre elas destaca-se que não foram mensurados os transtornos da personalidade nesta investigação, mas características patológicas da personalidade, que podem estar associadas a um ou outro transtorno da personalidade, não sendo representantes de um único transtorno. Além disso, o estudo foi realizado com população não clínica, de modo que abrangem situações de violência provavelmente em níveis de intensidade inferiores aos observados em casos de denúncia. Com relação às experiências na família de origem, deve-se considerar que o instrumento utilizado baseia-se nas memórias dos respondentes, sendo uma pesquisa de caráter transversal. No entanto este estudo contribui no sentido de fornecer suporte para futuras intervenções com indivíduos em situação de violência, assim como para o debate da temática, principalmente no cenário brasileiro.

Referências

- Afifi, T.O., MacMillan, H., Cox, B.J., Asmundson, G.J.G., Stein, M.B., & Sareen, J. (2009). Mental health correlates of intimate partner violence in a nationally representative sample of males and females. *The Journal of Interpersonal Violence, 24*, 1398-1417.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – IV*. Porto Alegre: ArtMed.
- Alexander, P. C., Moore, S., & Alexander, E. R. (1991). What is transmitted in the inter-generational transmission of violence? *Journal of Marriage and the Family, 53*, 657–668.

- Babcock, J. C., Green, C. E., & Robie, C. (2004). Does batterers' treatment work? A metaanalytic review of domestic violence treatment. *Clinical Psychology Review, 23*(8), 1023–1053.
- Bandura, A. (1983). Psychological mechanisms of aggression. In: R. G. Geen & E. I. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews*, vol 1. New York: Academic Press.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). Vicarious reinforcement and imitative learning. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 67*(6), 601–607.
- Bouchard, S., Sabourin, S., Lussier, Y., & Villeneuve, E. (2009). Relationship quality and stability in couples when one partner suffers from borderline personality disorder. *Journal Marital Family Therapy, 35*(4), 446-455.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2008). *Temático Prevenção de Violência e Cultura de Paz II*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 60 p.: il. (Painel de Indicadores do SUS,; n. 5), Brasília, Brasil.
- Carvalho, L. F. (2011). *Desenvolvimento e Verificação das Propriedades Psicométricas do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade*. Tese (Doutorado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, São Paulo, Brasil.
- Costa, D., & Babcock, J. C. (2008). Articulated Thoughts of Intimate Partner Abusive Men during Anger Arousal: Correlates with Personality Disorder Features. *Journal of Family Violence, 23*(6), 395–402.
- Dixon, L., Hamilton-Giachritsis, C., & Browne, K. (2008). Classifying partner Femicide. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(1), 74-93.

- Eckhardt, C. I., Samper, R. E., & Murphy, C. M. (2008). Anger Disturbances Among Perpetrators of Intimate Partner Violence Clinical Characteristics and Outcomes of Court-Mandated Treatment. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(11), 1600-1617.
- Ehrensaft, M. K., Cohen, P., & Johnson, J. G. (2006). Development of Personality Disorder Symptoms and the Risk for Partner Violence. *Journal of Abnormal Psychology, 115*(3), 474-483.
- Falcke, D (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese (Doutorado em Psicologia) – programa de Pós-Graduação em psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine, 33*(4), 281-290.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Family Violence, 23*(5), 303-313.
- Fehringer, J.A., & Hindin, M. J. (2009). Like Parent, Like Child: Intergenerational Transmission of Partner Violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health, 44*(4), 363-371.
- Fergusson, C. J., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2008). Developmental Antecedents of Interpartner Violence in a New Zealand Birth Cohort. *Journal of Family Violence, 23*, 737-753.

- Fergusson, C. J. (2011). Love is a battlefield: Risk factors and gender disparities for domestic violence among Mexican Americans. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 20(2), 227-236.
- Fernández-Montalvo, J., & Echeburúa, E. (2008). Trastornos de personalidad y psicopatía en hombres condenados por violencia grave contra la pareja. *Psicothema*, 20(2), 193-198.
- Fowler, K. A., & Westen, D. (2011). Subtyping Male Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(4) 607-639.
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships*, 16(3), 365-384.
- Grassi-Oliveira, R., Ashy, M. & Stein, L. M. (2008). Psychobiology of childhood maltreatment effects of allostatic load? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30 (1), 60-68.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2003). Do Subtypes of Maritally Violent Men Continue to Differ Over Time? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71(4), 728–740.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2000). Testing the Holtzworth-Munroe and Stuart (1994) Batterer Typology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(6), 1000-1019.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of Male Batterers: Three Subtypes and the Differences Among Them. *Psychological Bulletin*, 16(3), 476-497.

- Jaoko, J. (2010). Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. *International Social Work, 53*(1), 9-18.
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and Control: Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. *Violence Against Women, 12*(11), 1003-1018.
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence Against Women. *Journal of Marriage and the Family, 52*(2), 283-294.
- Jin, X., Doukas, A., Beiting, M. & Viksman, A. (2014). Factors contributing to intimate partner violence among men in Kerala, India. *Journal of Family Violence, 29*(6), 643-668.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. 2006. *Dyadic Data Analysis*. New York: Guilford Press.
- Kuijpers, K., Knaap, L. M., Winkel, F. W., Pemberton, A. & Baldry, A. C. (2010). Borderline Traits and Symptoms of Post-traumatic Stress in a Sample of Female Victims of Intimate Partner Violence. *Stress and Health, 27*(3), 206–215.
- Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies Involving Gender and Intimate Partner Violence in the United States. *Sex Roles, 62*(3-4), 179-193.
- Laporte, L., Jiang, D., Pepler, D. J. & Chamberland, C. (2011). The Relationship Between Adolescents' Experience of Family Violence and Dating Violence. *Youth & Society, 43*(1) 3–27.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of Change in Physical Aggression and Marital Satisfaction. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 236–247.

- Lawson, D. M., & Rivera, S. (2008). Male Partner Abusers' Perceptions of Family Relationship Functioning: A Comparison of Clinically Derived Abuser Types. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 17*(1), 59-79.
- Linehan, M. (2010). *Terapia Cognitivo-Comportamental para Transtorno da Personalidade Borderline*. Porto Alegre: ArtMed.
- Liu, N., Zhang, Y., Brady, H. J., Cao, Y., He, Y., & Zhang, Y. (2012). Relation Between Childhood Maltreatment and Severe Intrafamilial Male-Perpetrated Physical Violence in Chinese Community: The Mediating Role of Borderline and Antisocial Personality Disorder Features. *Aggressive Behavior, 38*(1), 64-76.
- Maneta, E. K., Cohen, S., & Schulz, M. S. (2013). Two to Tango: A Dyadic Analysis of Links Between Borderline Personality Traits and Intimate Partner Violence. *Journal of Personality Disorders, 27*(2), 233-243.
- McKinney, C. M., Caetano, R., Ramisetty-Mikler, S., & Nelson, S. (2009). Childhood Family Violence and Perpetration and Victimization of Intimate Partner Violence: Findings From a National Population-Based Study of Couples. *Annals of Epidemiology, 19*(1), 25-32.
- Millon, T. (2011). *Disorders of Personality: Introducing a DSM/ICD Spectrum from Normal to Abnormal*. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S., & Ramnath, R. (2004). *Personality Disorders in Modern Life*. 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública, 18*(1), 163-176.

- Murrell, A. R., Christoff, K. A., & Henning, K. R. (2007). Characteristics of Domestic Violence Offenders: Associations with Childhood Exposure to Violence. *Journal Family Violence, 22*(7), 523–532.
- Nurius, P. S., & Macy, R. J. (2008). Heterogeneity Among Violence-Exposed Women: Applying Person-Oriented Research Methods. *Journal Interpersonal Violence, 23*(3), 389-415.
- Pico-Alfonso, M. A., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2008). Personality Disorder Symptoms in Women as a Result of Chronic Intimate Male Partner Violence. *Journal Family Violence, 23*(7), 577–588.
- Ross, J. M., & Babcock, J. C. (2009). Proactive and Reactive Violence among Intimate Partner Violent Men Diagnosed with Antisocial and Borderline Personality Disorder. *Journal of Family Violence, 24*(8), 607–617.
- Scribel, M. C.; Sana, M. R. & Benedetto, A. (2007). Os Esquemas na Estruturação do Vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 3*(2), 35-42.
- Stanford, M. S., Houston, R. J., & Baldridge, R. M. (2008). Comparison of impulsive and premeditated perpetrators of intimate partner violence. *Behavioral Sciences Law, 26*(6), 709–722.
- O’Leary, K. D., Slep, A. M. S., & O’Leary, S. G. (2007). Multivariate models of men’s and women’s partner aggression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 75*, 752–764.
- Raine, A. (2013). *The Anatomy of Violence: The Biological Roots of Crime*. Pantheon Books: New York.

- Rempel, J., Ross, M., & Holmes, J. (2001). Trust and Communicated Attributions in Close Relationships. *Interpersonal Relations and Group Processes*, 81(1), 57-64.
- Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 16(4), 279-288.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family*, 17(3), 283-316.
- Stith, S. M., Rosen, K. H., Middleton, K. A., Busch, A. L., Lundeberg, K., & Carlton, R. P. (2000). The Intergenerational Transmission of Spouse Abuse: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 640–654.
- Treboux, D., Crowell, J., & Waters, E. (2004). When “New” Meets “Old”: Configurations of Adult Attachment Representations and Their Implications for Marital Functioning. *Developmental Psychology*, 40(2), 295-314.
- Thornton, A. J., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2010). Adaptive and Maladaptive Personality Traits as Predictors of Violent and Nonviolent Offending Behavior in Men and Women. *Aggressive Behavior*, 36(3), 177-186.
- Vives-Cases C., Álvarez-Dardet C., Caballero P. (2003). Intimate partner violence Spain. *Gaceta Sanitaria*, 17(4), 268-274.
- Walsh, Z., O’connor, B. P., Shea, M. T., Swogger, M. T., Schonbrun, Y. C., & Stuart, G. L. (2010). Subtypes of Partner Violence Perpetrators Among Male and Female Psychiatric Patients. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(3), 563–574.

- Wareham, J., Boots, D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37(2), 163-173.
- Weinstein, Y., Oltmans, T. F., & Gleason, M. E. (2012). Borderline but Not Antisocial Personality Disorder Symptoms Are Related to Self-Reported Partner Aggression in Late Middle-Age. *Journal of Abnormal Psychology*, 121(3), 692–698.
- Widom, C. S., Czaja, S. J., & Dutton, M. A. (2008). Childhood victimization and lifetime revictimization. *Child Abuse and Neglect*, 32, 785-796.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of Violent Relationships, Psychological Distress, and Marital Satisfaction in a National Sample of Men and Women. *Sex Roles*, 52(11/12), 771-784.
- Yoshihama, M., & Horrocks, J. (2010). Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37.

Considerações Finais da Dissertação

Investigar um tema que apresenta posicionamentos tão opostos na literatura pode ser um desafio. As controvérsias sobre a temática identificadas em diferentes estudos podem estar fortemente relacionadas à heterogeneidade do fenômeno, de modo que adotar uma postura de integração destas oposições pode contribuir no sentido de compreender a violência em suas diferentes manifestações.

A partir do artigo de revisão da literatura, algumas perguntas surgiram com relação aos possíveis transtornos da personalidade associados à violência conjugal, assim como a implicação da interação da díade marido-esposa na eclosão da violência nos relacionamentos conjugais. Os questionamentos levantados nesta revisão forneceram suporte para os problemas de pesquisa do artigo empírico. No entanto, algumas das hipóteses levantadas foram contrariadas pelos resultados do segundo artigo, que evidenciou que, de fato, as características de personalidade que se aproximam dos transtornos Borderline e Antissocial são as que melhor explicam o fenômeno. Além disso, as características dos próprios indivíduos explicam a ocorrência da violência conjugal, sem influência das características de personalidade e experiências na família de origem do parceiro, que era hipótese do estudo.

Importantes diferenças entre os sexos foram identificadas no estudo, sendo que a violência nos homens é melhor explicada pelas experiências na família de origem, enquanto que a violência das mulheres é melhor explicada pelas características patológicas da personalidade. Nesse sentido, esta dissertação apresenta novos problemas de pesquisa como, por exemplo: que aspectos contribuem com estas diferenças entre os sexos? Por que os homens sofrem mais o impacto das experiências na família de origem que as mulheres? O fato é que parecem existir modelos explicativos da violência distintos entre os sexos. Desta forma, observa-se que, ainda que seja observada simetria entre homens e mulheres na perpetração da violência, os fatores de risco para este comportamento são distintos entre os sexos.

Este estudo fornece sustentação para compreensão de apenas uma parcela do fenômeno da violência. Deve-se salientar que existem diversas variáveis consideradas fatores de risco para a violência conjugal que, não tendo sido investigadas, limitam a compreensão dos resultados identificados nesta dissertação. Possivelmente a investigação de outras experiências adversas na infância, que não apenas aquelas vivenciadas na família de origem

poderiam impactar nestes resultados, bem como o uso de escalas que mensurassem impulsividade e agressividade.

No entanto, os resultados encontrados possibilitam reflexões sobre o tratamento dos indivíduos em situação de violência conjugal. Deve-se salientar que, diante dos resultados que apontam para diferentes fatores associados à violência conjugal nos homens e nas mulheres, é viável pensar que os diferentes tipos de agressores e vítimas responderão de forma distinta às intervenções. Este aspecto deve ser considerado na implementação de programas. Sabe-se que as intervenções para agressores conjugais possuem baixa efetividade (Babcock, Green & Robie, 2004), o que pode estar relacionado às diferentes características destes agressores. No entanto, de forma geral, considerando as características patológicas da personalidade identificadas, salienta-se a necessidade de intervenções que incluam o desenvolvimento de estratégias de regulação emocional dos indivíduos. Tais estratégias podem favorecer a atenção aos fatores precipitantes de reações emocionais e o desenvolvimento de tolerância a estas emoções intensas, bem como o treinamento de habilidades interpessoais.

Esta dissertação contribui no sentido de fornecer dados para possíveis modelos explicativos da violência em homens e mulheres, possuindo impacto para a formulação de programas de intervenção para indivíduos nesta situação. Considerando o cenário brasileiro, que ainda carece de estudos com relação à temática, estes artigos poderão contribuir como passos iniciais nesta investigação.

Referências da Dissertação

Afifi, T.O., MacMillan, H., Cox, B.J., Asmundson, G.J.G., Stein, M.B., & Sareen, J. (2009).

Mental health correlates of intimate partner violence in a nationally representative sample of males and females. *The Journal of Interpersonal Violence*, 24, 1398-1417.

- Alexander, P. C., Moore, S., & Alexander, E. R. (1991). What is transmitted in the inter-generational transmission of violence? *Journal of Marriage and the Family*, 53, 657–668.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – IV*. Porto Alegre: ArtMed.
- Askeland, I. W., Heir, T. (2014). Psychiatric disorders among men voluntarily in treatment for violent behaviour: a cross-sectional study. *BMJ Open*, 4, 1-5.
- Babcock, J. C., Green, C. E., & Robie, C. (2004). Does batterers' treatment work? A metaanalytic review of domestic violence treatment. *Clinical Psychology Review*, 23(8), 1023–1053.
- Bandura, A. (1983). Psychological mechanisms of aggression. In: R. G. Geen & E. I. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews*, vol 1. New York: Academic Press.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). Vicarious reinforcement and imitative learning. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67(6), 601–607.
- Boira, S., & Jodrá, P. (2013). Tipología de hombres condenados por violencia de género en un contexto de intervención psicológica en la comunidad. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 45(2), 289-303.
- Buck, N.M.L, Leenaars, P.E.M, Emmelkamp, P.M.G, & Marle, van, H.J.C. (2014). Personality Traits are Related to Intimate Partner Violence Among Securely Attached Individuals. *Journal of Family Violence*, 29(3), 235–246.
- Bouchard, S., Sabourin, S., Lussier, Y., & Villeneuve, E. (2009). Relationship quality and stability in couples when one partner suffers from borderline personality disorder. *Journal Marital Family Therapy*, 35(4), 446-455.

- Brasil. Ministério da Saúde. (2008). Temático Prevenção de Violência e Cultura de Paz II. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 60 p.: il. (Painel de Indicadores do SUS,; n. 5), Brasília, Brasil.
- Carvalho, L. F. (2011). *Desenvolvimento e Verificação das Propriedades Psicométricas do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade*. Tese (Doutorado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, São Paulo, Brasil.
- Chérrez-Bermejo, C., & Alás-Brun, C. (2014). Consumo de sustancias y trastornos de salud mental en agresores de violencia de género ingresados en prisión. Un estudio descriptivo. *Rev Esp Sanid Penit* , 16, 29-37.
- Corral, C., & Calvete, E. (2014). Early Maladaptive Schemas and Personality Disorder Traits in Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Spanish Journal of Psychology*, 17(1), 1–10.
- Costa, D., & Babcock, J. C. (2008). Articulated Thoughts of Intimate Partner Abusive Men during Anger Arousal: Correlates with Personality Disorder Features. *Journal of Family Violence*, 23(6), 395–402.
- Dixon, L., Hamilton-Giachritsis, C., & Browne, K. (2008). Classifying partner Femicide. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(1), 74-93.
- Dutton, D. G. (1995). *The domestic assault of women: Psychological and Criminal Justice Perspectives*. Vancouver: UBC Press.
- Eckhardt, C. I., Samper, R. E., & Murphy, C. M. (2008). Anger Disturbances Among Perpetrators of Intimate Partner Violence Clinical Characteristics and Outcomes of Court-Mandated Treatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(11), 1600-1617.

- Ehrensaft, M. K., Cohen, P., & Johnson, J. G. (2006). Development of Personality Disorder Symptoms and the Risk for Partner Violence. *Journal of Abnormal Psychology, 115*(3), 474–483.
- Falcke, D (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese (Doutorado em Psicologia) – programa de Pós-Graduação em psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine, 33*(4), 281-290.
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Family Violence, 23*(5), 303-313.
- Fehringer, J.A., & Hindin, M. J. (2009). Like Parent, Like Child: Intergenerational Transmission of Partner Violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health, 44*(4), 363-371.
- Fergusson, C. J., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2008). Developmental Antecedents of Interpartner Violence in a New Zealand Birth Cohort. *Journal of Family Violence, 23*, 737–753.
- Fergusson, C. J. (2011). Love is a battlefield: Risk factors and gender disparities for domestic violence among Mexican Americans. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 20*(2), 227-236.
- Fernández-Montalvo, J., & Echeburúa, E. (2008). Trastornos de personalidad y psicopatía en hombres condenados por violencia grave contra la pareja. *Psicothema, 20*(2), 193-198.

- Fowler, K. A., & Westen, D. (2011). Subtyping Male Perpetrators of Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(4) 607-639.
- García-Jiménez, J. J., Godoy-Fernández, C., Llor-Esteban, L., & Ruiz-Hernández, J. A. (2014). Differential profile in partner aggressors: Prison vs. Mandatory community intervention programs. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context* , 6, 69-77.
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships, 16*(3), 365-384.
- Grassi-Oliveira, R., Ashy, M. & Stein, L. M. (2008). Psychobiology of childhood maltreatment effects of allostatic load? *Revista Brasileira de Psiquiatria, 30* (1), 60-68.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2003). Do Subtypes of Maritally Violent Men Continue to Differ Over Time? *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*(4), 728–740.
- Holtzworth-Munroe, A., Meehan, J. C., Herron, K., Rehman, U., & Stuart, G. L. (2000). Testing the Holtzworth-Munroe and Stuart (1994) Batterer Typology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 68*(6), 1000-1019.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of Male Batterers: Three Subtypes and the Differences Among Them. *Psychological Bulletin, 16*(3), 476-497.
- Jaoko, J. (2010). Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. *International Social Work, 53*(1), 9-18.

- Johnson, M. P. (2006). Conflict and Control: Gender Symmetry and Asymmetry in Domestic Violence. *Violence Against Women, 12*(11), 1003-1018.
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence Against Women. *Journal of Marriage and the Family, 52*(2), 283-294.
- Jin, X., Doukas, A., Beiting, M. & Viksman, A. (2014). Factors contributing to intimate partner violence among men in Kerala, India. *Journal of Family Violence, 29*(6), 643-668.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. 2006. *Dyadic Data Analysis*. New York: Guilford Press.
- Kuijpers, K., Knaap, L. M., Winkel, F. W., Pemberton, A. & Baldry, A. C. (2010). Borderline Traits and Symptoms of Post-traumatic Stress in a Sample of Female Victims of Intimate Partner Violence. *Stress and Health, 27*(3), 206–215.
- Langhinrichsen-Rohling, J. (2010). Controversies Involving Gender and Intimate Partner Violence in the United States. *Sex Roles, 62*(3-4), 179-193.
- Laporte, L., Jiang, D., Pepler, D. J. & Chamberland, C. (2011). The Relationship Between Adolescents' Experience of Family Violence and Dating Violence. *Youth & Society, 43*(1) 3–27.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of Change in Physical Aggression and Marital Satisfaction. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 236–247.
- Lawson, D. M., & Rivera, S. (2008). Male Partner Abusers' Perceptions of Family Relationship Functioning: A Comparison of Clinically Derived Abuser Types. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 17*(1), 59-79.

- Linehan, M. (2010). *Terapia Cognitivo-Comportamental para Transtorno da Personalidade Borderline*. Porto Alegre: ArtMed.
- Liu, N., Zhang, Y., Brady, H. J., Cao, Y., He, Y., & Zhang, Y. (2012). Relation Between Childhood Maltreatment and Severe Intrafamilial Male-Perpetrated Physical Violence in Chinese Community: The Mediating Role of Borderline and Antisocial Personality Disorder Features. *Aggressive Behavior*, 38(1), 64-76.
- Maneta, E. K., Cohen, S., & Schulz, M. S. (2013). Two to Tango: A Dyadic Analysis of Links Between Borderline Personality Traits and Intimate Partner Violence. *Journal of Personality Disorders*, 27(2), 233-243.
- McKinney, C. M., Caetano, R., Ramisetty-Mikler, S., & Nelson, S. (2009). Childhood Family Violence and Perpetration and Victimization of Intimate Partner Violence: Findings From a National Population-Based Study of Couples. *Annals of Epidemiology*, 19(1), 25-32.
- Millon, T. (2011). *Disorders of Personality: Introducing a DSM/ICD Spectrum from Normal to Abnormal*. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S., & Ramnath, R. (2004). *Personality Disorders in Modern Life*. 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.
- Murrell, A. R., Christoff, K. A., & Henning, K. R. (2007). Characteristics of Domestic Violence Offenders: Associations with Childhood Exposure to Violence. *Journal Family Violence*, 22(7), 523–532.

- Nurius, P. S., & Macy, R. J. (2008). Heterogeneity Among Violence-Exposed Women: Applying Person-Oriented Research Methods. *Journal Interpersonal Violence, 23*(3), 389-415.
- Pico-Alfonso, M. A., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2008). Personality Disorder Symptoms in Women as a Result of Chronic Intimate Male Partner Violence. *Journal Family Violence, 23*(7), 577-588.
- Ross, J. M., & Babcock, J. C. (2009). Proactive and Reactive Violence among Intimate Partner Violent Men Diagnosed with Antisocial and Borderline Personality Disorder. *Journal of Family Violence, 24*(8), 607-617.
- Sarto, S. B., & Esteban, P. J. (2010). Psicopatología, características de la violencia y abandonos en programas para hombres violentos con la pareja: resultados en un dispositivo de intervención. *Psicothema, 22*(4), 593-599.
- Schumm, J. A., O'Farrell, T. J., Murphy, C. M., Murphy, M., Muchowski, P. (2011). Test of a conceptual model of partner aggression among women entering substance use disorder treatment. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs, 72*, 933-942.
- Scribel, M. C.; Sana, M. R. & Benedetto, A. (2007). Os Esquemas na Estruturação do Vínculo conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 3*(2), 35-42.
- Stanford, M. S., Houston, R. J., & Baldridge, R. M. (2008). Comparison of impulsive and premeditated perpetrators of intimate partner violence. *Behavioral Sciences Law, 26*(6), 709-722.
- O'Leary, K. D., Slep, A. M. S., & O'Leary, S. G. (2007). Multivariate models of men's and women's partner aggression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 75*, 752-764.

- Raine, A. (2013). *The Anatomy of Violence: The Biological Roots of Crime*. Pantheon Books: New York.
- Rempel, J., Ross, M., & Holmes, J. (2001). Trust and Communicated Attributions in Close Relationships. *Interpersonal Relations and Group Processes*, 81(1), 57-64.
- Reingle, J. M., Jennings, W., Connell, N. M., Businelle, M. S., & Chartier, K. (2014). On the Pervasiveness of Event-Specific Alcohol Use, General Substance Use, and Mental Health Problems as Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(16), 1-20.
- Straus, M. A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: Empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 16(4), 279-288.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family*, 17(3), 283-316.
- Stith, S. M., Rosen, K. H., Middleton, K. A., Busch, A. L., Lundeberg, K., & Carlton, R. P. (2000). The Intergenerational Transmission of Spouse Abuse: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 640-654.
- Treboux, D., Crowell, J., & Waters, E. (2004). When "New" Meets "Old": Configurations of Adult Attachment Representations and Their Implications for Marital Functioning. *Developmental Psychology*, 40(2), 295-314.
- Thornton, A. J., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2010). Adaptive and Maladaptive Personality Traits as Predictors of Violent and Nonviolent Offending Behavior in Men and Women. *Aggressive Behavior*, 36(3), 177-186.

- Vives-Cases C., Álvarez-Dardet C., Caballero P. (2003). Intimate partner violence Spain. *Gaceta Sanitaria*, 17(4), 268-274.
- Walsh, Z., O'connor, B. P., Shea, M. T., Swogger, M. T., Schonbrun, Y. C., & Stuart, G. L. (2010). Subtypes of Partner Violence Perpetrators Among Male and Female Psychiatric Patients. *Journal of Abnormal Psychology*, 119(3), 563–574.
- Wareham, J., Boots, D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37(2), 163-173.
- Weinstein, Y., Oltmans, T. F., & Gleason, M. E. (2012). Borderline but Not Antisocial Personality Disorder Symptoms Are Related to Self-Reported Partner Aggression in Late Middle-Age. *Journal of Abnormal Psychology*, 121(3), 692–698.
- Widom, C. S., Czaja, S. J., & Dutton, M. A. (2008). Childhood victimization and lifetime revictimization. *Child Abuse and Neglect*, 32, 785-796.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of Violent Relationships, Psychological Distress, and Marital Satisfaction in a National Sample of Men and Women. *Sex Roles*, 52(11/12), 771-784.
- Yoshihima, M., & Horrocks, J. (2010). Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37.